



Stand Correia
Jacinto Ferreira Correia & Filhos, Lda.

Num só espaço
TUDO PARA A SUA CASA

Mobiliário – Electrodomésticos – Merceria
Mosaicos – Materiais de Construção

Mariano Frade



*‘Ganhámos
alguns e
perdemos
sempre!’*

PÁG. 6-7 **Mário Moura**



**Inauguração da luz
eléctrica na Ribeira Grande**

PÁG. A **Sacuntala de Miranda**

Rodeado de Ilha
**Não se trata
de um jogo**



PÁG. 5
João Miguel Fernandes Jorge

Manuel Rita

Perfil



PÁG. 11 **Hermano Teodoro**



VARIANTE À CIDADE DA RIBEIRA GRANDE
S.R.H.E.
PRAZO - 1981 - 1997 - 2003
2010 - ?

**AVISO - SE QUISER
IR ÀS CALDEIRAS
NÃO VÁ POR AQUI**

CALDEIRAS

ORA ESTA,
JÁ ME ENGANARAM!!

Cartoon **PAP 2002**



TOYOTA



YARIS

RUI & GASTÃO, LDA.
Praceta da Pranchinha, N.º 20
Telef. 296 304 900 - Fax 296 304 919
9500 Ponta Delgada

PME
excelência 2000

Crie a sua história

Editorial oliveiramoura@mail.pt

E se o miúdo crescesse?

Comentava-se molemente os últimos editoriais deste jornal quando, saídos sabe-se lá de onde, alguns **miúdos** entraram como um vendaval na conversa. O espírito da discussão, mais ideia menos ideia, poder-se-ia resumir assim: correspondesse ou não à verdade factual, os nossos pais sentiam orgulho em pertencer a uma Vila que merecia ser **elevada** a Cidade, corresponda ou não à verdade factual, hoje em dia, sentimos vergonha em pertencer a uma Cidade que, a continuar *'no mesmo e mais forte'*, deverá **baixar** a Vila. E fizeram perguntas. Embora ninguém tivesse a resposta na ponta da língua, ou sequer uma resposta conclusiva, o repto foi aceite.

Teria merecido ser elevada a Cidade?

Sucede que a Vila de Ribeira Grande, a pouco menos de sete anos da elevação a Cidade, fruto da visão da geração do *Círculo dos Amigos*, cuja indiscutível figura de proa foi o Eng.º Fernando Monteiro, dispunha de infra-estruturas que nenhuma outra Vila possuía e poucas Cidades dispunham. Esta geração tomou como suas as aspirações de Ezequiel Moreira da Silva, do Cónego Cristiano de Jesus Borges, do Dr. José Tavares e de outros, que, por seu turno, as haviam tomado das gerações precedentes, onde pontuavam os irmãos Silveira Estrela e José Maria da Câmara Vasconcelos. O Eng.º Monteiro e a sua equipa, em tempo de *'vacas magras'*, em pouco mais de um mandato autárquico, apetrecharam a Ribeira Grande de uma Escola Preparatória, algo que só existia nas três Cidades da Região, de uma Escola Industrial (Delegação da de Ponta Delgada), algo que não existia em todas elas, de um Pavilhão Gimno-Desportivo, algo que não existia em nenhuma delas, de uma Piscina Municipal, algo que só existia numa delas, das Festas da Vila, algo que nenhuma delas oferecia, e acima de tudo, souberam inspirar confiança no futuro da terra. Por razões de oblíqua estratégia político-partidária, ou talvez por falta de tempo, entretanto ocorrera a revolução de Abril de 1974, duas daquelas infra-estruturas, a Piscina e o Ginásio, nunca alcançariam o êxito desejado. A Ribeira Grande **Vila**, ainda que lhe faltassem infra-estruturas essenciais, estaria pronta e capaz, pelos padrões das demais, por mérito próprio, da honra e do proveito de **Cidade**.

Honra sem proveito de Cidade?

Eis a versão oral que corre: alguns dos responsáveis autárquicos e regionais de então confirmam-nos a existência de *'um certo acordo de cavalheiros'*, o qual, se traduziria no seguinte: a Ribeira Grande Cidade seria eleita pela **Região como segundo pólo** de desenvolvimento da ilha de São Miguel, um pólo de

vocação industrial, e seria **tratada a um nível superior** dos demais vilas. Terá havido acordo tácito ou escrito?

Eis dois excertos da versão escrita: um parecer, de Abril de 1981, da Comissão de Organização e Legislação da Assembleia Regional dos Açores, incumbida de analisar o processo de elevação a Cidade das Vilas da Praia da Vitória e de Ribeira Grande, é peremptório:

'[A criação de novas cidades], tem de representar mais do que o reconhecimento de uma aspiração, [deverá ser] um compromisso da Região em eleger o centro urbano promovido a um pólo de irradiação de vida económica e cultural, que é o que caracteriza qualquer cidade digna desse nome. [...] Limitar-se esta Assembleia a promover um núcleo urbano a cidade, sem mais nada, seria um acto de baixa política.' (Correio dos Açores, 20.04.1981, fls. 1-8. Cf. Acta e Relatório)

Ou outro, do Decreto Regional que consagra a elevação a Cidade, de 29 de Junho de 1981, assinado pelo Dr. Álvaro Monjardino, Presidente da Assembleia Regional dos Açores, cujo Plenário o aprovava por unanimidade a 5 de Junho, e pelo Ministro da República para a Região Autónoma dos Açores, Tomás George Conceição Silva, é igualmente peremptório:

'A vila da Ribeira Grande [...] tem sido o centro de irradiação económica do Norte da ilha de S. Miguel [...] Com o seu passado, o seu património cultural, a sua vitalidade económica, a Ribeira Grande merece, no contexto açoriano, ver alargados os seus limites e dignificada a sua categoria como segundo pólo de desenvolvimento da ilha de S. Miguel.' (Jornal Oficial, I Série, número 25, 14 de Julho de 1981, Decreto Regional n.º 9/81 A, de 29 de Junho de 1981)

A quem pedir contas?

Não será a imagem do *miúdo bem comportado, aguentando* paciente, delicada e ordeiramente que lhe seja servido de **bandeja o reбуçado prometido**, por isso ultrapassado pelos mais espevitados, a metáfora adequada à caracterização da relação, a todos os títulos censurável, entre a Ribeira Grande e os poderes instituídos que a *governam*?

Como dar a volta?

Os poderes **instituídos**, sendo pessoas de bem, cumprirem com o *'acordo de cavalheiros'* e o miúdo crescer?

Oliveira Moura



A QUE CARGAS DE ÁGUA!

A que cargas de água os ribeirãograndenses queriam uma piscina para a Escola Secundária da Ribeira Grande, ainda sem nome cristão, e muito bem, quando a Região já havia construído uma na Escola das Laranjeiras a uns míseros 2,50 euros e a uns meros 40 minutos ida e volta na rápida via rápida Ribeira Grande - Ponta Delgada? Por que razão insistiram em construir uma piscina no novo quartel dos bombeiros da Ribeira Grande quando a Região já construiu uma no quartel dos bombeiros voluntários de Ponta Delgada, a uns escassos cem metros em linha recta da Escola das Laranjeiras? O nosso Governo Regional, seja do PS, seja do PSD, seja do PPP, ou de outro que venha, como sempre, decidi bem. Onde é que já se viu o desperdício e o desaforo, por este andar todas as vilas, aldeias e lugarejos teriam direito a uma, e não haveria orçamento que resistisse. Bravo! Trata-se de uma simples questão de lógica e de imparcialidade. Vejamos: o governo Regional construiu além daquelas duas piscinas uma outra junto à marina da **Cidade**, por isso, bastará aos escassos 11 000 indígenas locais, caso o desejem, enfiar-se no pópó e meter-se ao caminho. Mais nada. Simples. Cá por mim, **'Com os Açores no Coração'**, nas próximas eleições regionais já decidi votar neste governo. Tenho ou não razão?

L Pacheco

SEM QUERER SER MAÇADOR

Mais uma vez se fala aqui no JARDIM DOS CANDEEIROS. De facto eles estão lá a mais e são demais, mas o mais caricato de tudo isso é que, se o objectivo era iluminar o Vale, eles nem acenderam se não estou em erro uma única vez. O Vale do Paraíso ainda conseguia ser um oásis no meio do caos que é a Rua Direita. Os ditos cujos são uma autêntica aberração e creio que se enviarmos fotografias do "Antes e Depois" à Secretaria Regional do Ambiente, deve lá haver alguém que tenha o bom senso de os mandar retirar. É que, se eles de lá não forem retirados, que "MORAL" têm os Srs. da Câmara Municipal para fazerem advertências ou dificultarem a vida a quem pretende construir ou modificar moradias. Havia com certeza outros modelos à semelhança dos que estão na Rua Direita a imitar o antigo ou então outros ao nível do chão que não se desse pela presença deles. É que os CANDEEIROS que lá estão por mais que os queiramos ignorar não é possível. Como estamos em época de contenção de despesas, deve haver por todo o concelho alguma zona mal iluminada onde eles possam eventualmente ter mais utilidade. Por favor devolvam-nos o "PARQUE" tal como ele era, porque se o fizerem estamos dispostos a perdoar e esquecer que os CANDEEIROS um dia lá estiveram.

A. SILVA

DESPORTO NO PORTO FORMOSO

Para quando um complexo desportivo no Porto Formoso?

Por isso é que a freguesia do Porto Formoso apresenta um dos mais elevados índices de jovens drogados. 90% dos jovens do Porto Formoso fuma charros e 15% drogas pesadas. Façam alguma coisa...

José Victor

Ficha Técnica:

A Estrela Oriental Jornal Mensal | Propriedade:  Cooperativa Mãe d'Água, C.R.L. | Paginação: Francisco Veloso | Tratamento de Texto: Marília Dias, Carlos Arruda

Director: Oliveira Moura

Director-adjunto: Melo Teodoro

Colaboradores: Alexandre Gaudêncio, António Valdemar, Carlos Alberto, Cristóvão de Aguiar, Daniel de Sá, Emanuel Martins, Fátima Borges, Fernando Silva, Ferreira Moreno, Gilberto Bernardo, Hermano Aguiar, João Teixeira, João Miguel Fernandes Jorge, Juvenálio Rego, Luís Noronha, Manuel Bernardo, Mariano Alves, Onésimo de Almeida, Oflia Botelho, Pe. António Rocha, Pe. Edmundo Pacheco, Pedro Câmara Pereira, Pedro Paulo Silva, Rafaela Cardoso, Rui Ponte, Teófilo de Braga

Colaboradores Fuseirinho: Filomena Moura, Gisela Correia, Carina Sousa

Contribuinte N.º 512 060 398

Número de Registo: 123813

Centro Cultural de Ribeira Grande

Apartado 6, 9600 Ribeira Grande

e-mail: estrelaoriental@portugalmail.pt

Telm. 963560639

Depósito Legal N.º:166371/01

Impressão: Coingra

Parque Industrial de R. Grande

Tiragem 1500 exemplares



Porte Pago

Região Autónoma dos Açores

a;nd
Associação
Portuguesa de Imprensa

Ensino técnico e ensino universitário



*Irmã Soror Saudade, ai quem me dera
Tocar de aspiração a nossa vida
Ser o mundo a Terra Prometida
Que ainda, às vezes, em sonhos, me aparece.*

Américo Durão numa carta
Endereçada à poetisa Florbela Espanca.

A sabedoria é, de facto, inata, a instrução adquire-se. A este respeito refere Clive Bell que “aquilo que caracteriza o indivíduo culto é a capacidade de apreciar as coisas e não a capacidade para ser criador.” Há grandes criadores que não são muito cultos e homens cultíssimos que não são criadores.

O grande artista que é muito culto alia aos dotes da inventiva artística um amor intenso da verdade na arte e um finíssimo espírito apreciativo e culto. Aliás, como escreve o ensaísta português António Sérgio nos *Ensaios* (Tomo III), “Não é só por meio de lições abstractas, de secas demonstrações e exposições científicas que nós nos elevamos à verdadeira ciência, à sabedoria autêntica. A ciência verdadeira, não é só uma técnica de laboratório; a educação é filha do entusiasmo, da chama interna; é faina de apóstolos e de libertadores; é a obra de graça, de libertadores; é a obra de graça, de generosidade, de sentimento e de inspiração. O que caracteriza o verdadeiro mestre é o amor das ciências e das almas jovens, o amor da ciência como criação moral e a condução dos jovens à sabedoria pela força impulsiva desse seu amor.”

TUDO é factível quando há chama interna, e só isto, portanto, é necessário ao homem: ter fé perfeita na fecundidade do espírito, pensar sem fim na educação dos jovens; pôr toda a alma no amor do Bem.

Esta reflexão do grande espírito, espírito de eleição, nascido em terra lusa, mantém toda a actualidade e relevância. Não há a nível geral da sociedade portuguesa uma consciência crítica sólida, bem formada, um debate sincero (não sectário e viciado por razões de ordem ideológica ou (e) partidária) das ideias, nem o culto sistemático da inteligência, ou o primado da inteligência nas relações individuais, sociais ou institucionais.

Tal atmosfera moral e intelectual tem como causa directa e necessária o tipo de ensino que temos, a atitude que se tem perante a educação e a cultura, que são meios insubstituíveis, indispensáveis, para o aperfeiçoamento da humanidade.

Estamos infelizmente colocados, nesta sede, perante um grave problema político-social.

Há professores no desemprego, cursos nos quais os alunos não se inscrevem. Na sociedade técnica de massas (na denominação de Ortega y Gasset no seu livro *Rebelião das Massas*) o ensino técnico e politécnico exerce uma função muito importante na sociedade.

Esse tipo de ensino deve ser administrado em Escolas

próprias para essa finalidade, ficando reservado para a Universidade o ensino Superior e a investigação. Assim talvez se voltassem a separar as águas no ensino, e se esbatesse ou mesmo desaparecesse o problema social e político actualmente existente.

A Universidade *maxime* a Universidade dos Açores “não é uma torre de marfim” como muitos dizem, não está fechada por dentro está sobretudo fechada por fora. Não é a Universidade que se isola, a sociedade é que se afasta, é que não procura a Universidade como verdadeira fonte do saber, dos saberes, que realmente é. Não basta que as coisas estejam criadas para que cumpram a sua vocação, é preciso que as pessoas procurem para que elas se cumpram (a primeira é uma condição necessária, mas não é uma condição suficiente).

Não tenho na minha posse estatísticas seguras sobre isso mas julgo que hoje não se lê mais e sobretudo não se lê melhor no país. Todavia parece-me irrefutável que há mais gente a escrever, que há mais livros, mais jornais mais revistas.

Nesse aspecto o país parece, como já se lamentava Antero de Quental, numa carta ao seu querido amigo Alberto Sampaio, “terra fadada para eremitas”.

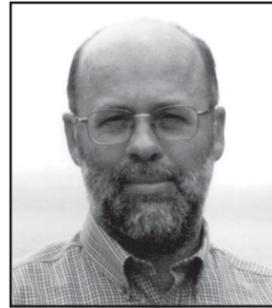
“Corruptio optimi pessima”: “a convivência ou é ótima ou só serve para corromper o espírito.” A convivência verdadeira é um acto de amor, de fraternidade, uma conferência de mundos interiores, um debate que, simultaneamente, e uma partilha de sentimentos e ideias, uma busca de luz de amor e de verdade.

E nem sempre é assim infelizmente, ou raramente é assim. Porque a educação e a cultura se não passar em primeiro pela carne e pelo sangue, se não passarem para a vida da relação concreta com o outro, se não influenciarem os comportamentos dos indivíduos, a sociedade não se aperfeiçoa espiritualmente. Ficamos, como, escreveu o poeta popular António Aleixo:

*Lê-se um livro com carinho
e, ao deixá-lo, a visão passa;
e ninguém segue o caminho
que a moral dos livros traça.*

Pedro Paulo Silva

Lombinha da Maia



A minha terra é “a minha terra”. A minha Lombinha da Maia é “a minha Lombinha da Maia”. Está para além da mera geografia. Situa-se no espaço temporal e psicológico. Tem referências na minha infância, na minha escola, na minha igreja, nos meus pais, nos meus irmãos, nos meus amigos, nos meus vizinhos, nos atalhos que percorri, nas ribeiras e nos pastos que matavam a sede e fome das vacas que

meu irmão João cuidava.

A Lombinha da Maia é a minha escola, a minha igreja de Nossa Senhora das Dores, é o Vale, o Caminho do Mato, o Fim da Lombinha, o Matinho e os Quarteiros, é a Ponte da Faleira e a Ribeira dos Migueis, é os moinhos do Nateiro do tio Guilherme e do tio Manuel, é o Império de São João, é a voz rouca e as quadras populares de João Plácido de Medeiros, é o Humberto “ceguinho” que rezava o terço nas coroações do Espírito Santo e que, com enorme esforço, ajudava a todos no “amarrar do milho”, é minha tia Ermelinda com a sua inigualável vontade de servir o próximo.

A Lombinha da Maia é a escola e as minhas professoras – a D. Albertina e a D. Glória -, os meus colegas de “classe” – o Carlos Rita, o Angelo, o António da tia Dorvalina, o Luís do tio Isidro.

A minha Lombinha da Maia é a casa dos meus pais, que albergou a doçura e a serenidade da minha mãe e a tenacidade e o rigor do meu pai. É o reboiço da colmeia que era uma casa com nove filhos.

A minha Lombinha da Maia é os meus vizinhos com os quais fui aprendendo a crescer – o Sérgio e a Graça, o Valter, o Jorge, o Luís e o António.

A minha Lombinha da Maia é a catequese, após a missa do Domingo, primeiro com a Sra. Rebelo e depois com a minha tia Ermelinda.

A minha Lombinha da Maia é o jogo de futebol, até ao pôr do sol, nas traseiras improvisadas da escola, com o João “Terramoto”, com o Augusto e o Fernando, com o João Manuel, com o Rui e mais tarde com o Luís “Carapanta”.

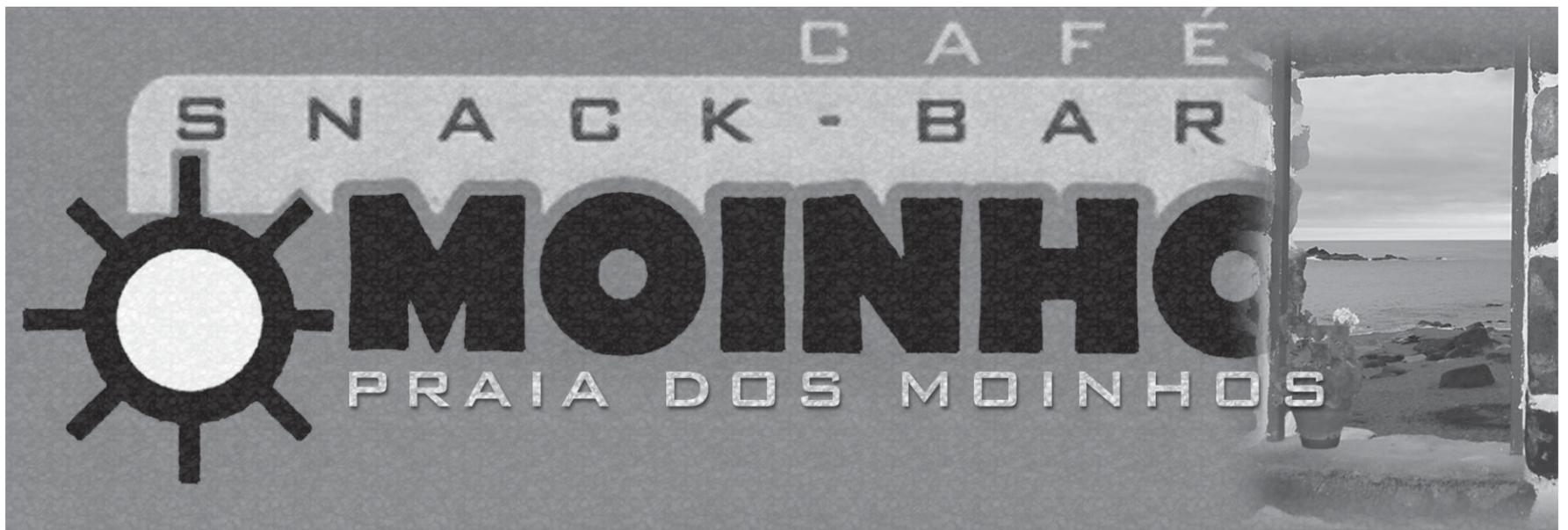
A minha Lombinha da Maia é, também, o “martírio” da apanha das uvas e do cortar e secar do tabaco no Vale, do “tratar” das vacas nos Quarteiros, nas férias escolares de Verão.

A minha Lombinha da Maia é, também, a separação geográfica e psicológica em relação ao povoado mais cerca, terra dos meus avós maternos e da minha madrinha Genoveva – a Lomba da Maia – e o receio que representava as idas à Maia, como aquele que estava a intrometer-se em terra alheia.

A minha Lombinha da Maia cresceu. Desenvolveu-se. Modificou-se. Cortou algumas amarras e vai ser independente amanhã.

O povo da minha Lombinha da Maia, do meu amigo João Valério, no extremo nascente, do Sr. Luís Pastor, no extremo poente, da família Correia, no Fim da Lombinha até à Sra. Libéria, no Caminho do Mato, tomou conta dos seus destinos. Pequeno, mas orgulhoso da sua identidade, das suas fronteiras. Pronto para partir para outros patamares de desenvolvimento e progresso. Pronto para praticar a democracia local. Com os olhos postos no futuro. E com fé numa nova esperança.

Hermano Aguiar



Cherne na telha
Espetada de espadarte c/ gambas
Rojões com ananás grelhado no espeto
Bife à Residencial

R. dos Condes da Ribeira Grande
 Tel.: 296 473 488 | Fax: 296 473 878 | TLM: 917 889 858

Na Galeria Comercial
 do Hiper Modelo na
 Ribeira Grande
 Tel 296 474 559

Atendimento Rápido
Serviço de TAKE AWAY
Especialidade da Casa
Comida Caseira e Saladas
Aceitamos Encomendas

Com a sua imaginação e a nossa capacidade damos forma à qualidade

Somos pioneiros na serração de basaltos

Britas e Sarriscas

Areias

Aluguer de máquinas e camiões

Sede: Largo do Rosário, 129 • Tel. 296 472 375 • Fax 296 472 926
 Inst. Industriais: Rochinha Preta • Tel. 296 472 824

JOSÉ DÂMASO E FILHAS LDA.

A. Machado
 Na Compra e Venda de
 Propriedades quem decide é **VOCE**

296 30 26 50

REF^o 1282 - CASA
 Ribeira Seca
 Total: 370 m2
 Superfície Coberta: 120+24 m2
 Total Construída: 264 m2
 Quintal: 226 m2

Constituída no rés do chão por hall de entrada, sala comum com lareira, cozinha, quarto de banho, quintal e garagem. 1º Piso composto por quatro quartos de cama (um deles com quarto de banho privativo), quarto de banho, salão de convívio e terraço.
 Obs.: Óptimos acabamentos.

Rede Imobiliária **On-Line:**
Regional: WWW.AMACHADO.PT
Nacional: WWW.APEMI.PT
Internacional: WWW.FIABCI.COM

REF^o 1070 - CASA
 Ribeira Seca
 Total: 266,10 m2
 Total Construída: 320 m2

Composta no r/chão por hall de entrada, sala comum, quarto de banho, ampla cozinha, quintal e garagem. 1º Piso com três quartos, quarto de casal com quarto de banho privativo, terraço e quarto de banho. 2º andar com amplo salão.
 Obs.- Com excelentes acabamentos.

Apreciação
 Se pretende construção e acabamentos de qualidade e a vossa opção é casa nova... Então ... comprove e invista, a sua família e você merecem.

Rua do Provedor, 11 - 9500-236 Ponta Delgada
 Fax. 296 30 26 59 - INFO@AMACHADO.PT

MEDIAÇÃO
 MEDIAÇÃO + SEGURA

www.nn-seguros.com

Natalícia Maré
Nuno Silva

Mediação de Seguros, Lda.
 Rua do Passal, nº17B - 1ºPiso
 9600 Ribeira Grande
 Telef.: 296 473666

Escolha a melhor opção

Rodeado de Ilha

Não se trata de um jogo



Cortesia do Museu Etnográfico de Santa Cruz da Graciosa

Não se trata de um jogo. Isso não. Trata-se, sim, de amizade, um sentimento de grande autonomia. Abri a gaveta das coisas açoreanas e a primeira fotografia foi a de um grupo, no qual me encontrava. Estávamos sentados nas pedras cobertas de musgo e líquenes na margem da Lagoa do Congro. Foi num dos primeiros verões dos anos noventa. A imagem corresponde à terceira ou quarta vez que fiz o caminho desse passeio, sempre iniciado pelo lado norte da ilha. Creio que há um acesso por Vila Franca do Campo, mas não o conheço. Durante alguns anos recusei-me a visitar essa lagoa. A recusa ficava a dever-se ao nome. Congro é nome de peixe. Congro é o mesmo que safio; nome insuportável numa lagoa. Mas tanto me gabaram o silêncio da lagoa, tanto me falaram na experiência única do bosque fechado que a rodeava, nas aves que a sobrevoavam, na neblina que velozmente descia, do trilho que a ela levava e da lagoa mais pequena que iria encontrar - a Lagoa dos Nenúfares (nome que já merecia plenamente um tempo e um espaço certo de lagoa) - que acedi fazer-me ao caminho. Entretanto, Congro deixara de ser, para mim, uma forma dotada de significado piscícola e iniciara um conhecimento novo no sentido da palavra. Sujeitara-se a um reconhecimento, a um intento que remete à recordação de

uma verdade primeira. Congro situava-se agora num contexto inteligível e informativo de uma experiência prévia relacionada com a ideia de um campo de água marginado por terra.

Congro já não queria dizer safio. Congro somente se relacionava, intuitivamente, com o modelo prévio que construíra para a palavra lagoa. Trazia, pois, os rasgos familiares que a reconheciam no âmbito das lagoas, dos lagos, dos lagoaceiros e, mesmo, de um ou outro pântano ou charco povoado por canaviais, por numerosas espécies de vegetação lacustre e por um historial zoológico que em condições de meio físico semelhante traz o seu habitat. Nessa fotografia encontro-me junto de alguns dos meus amigos que ao longo dos últimos anos me têm acompanhado pelas ilhas. Mas o grupo não era grande nessa visita. Éramos oito; os mais que poderiam estar presentes temeram a chuva que caíra forte na manhã desse sábado. Um sábado, pois recordo-me de ter estado a comprar peixe no mercado da Ribeira Grande e de termos partido de um dos cafés da vila (perdão, da cidade). Os carros ficaram perto de um posto de recolha de leite numa das estradas, que passado o alto de Porto Formoso e a Gorreana, leva ao sul. A tarde foi sem chuva. Na lagoa encontrei tudo o que os meus amigos ribeiragrandenses me

prometeram. Primeiro, sob o domínio de uma luz clara e, de seguida, por uma névoa que, aos poucos, englutiu aves e árvores, o contorno dos peixes e a própria lagoa se dissolveu no líquido silêncio atmosférico. Mas na fotografia apenas estamos seis. Um terá fotografado, de onde a sua ausência. Quanto ao outro, suponho que se afastou na recolha de fetos ou na procura de qualquer raridade botânica.

O regresso foi de um diálogo sem palavras visíveis. Um a um, em fila indiana, falávamos, não com quem seguia à frente ou atrás de cada um de nós, mas com a percepção que consiste no território da própria natureza. Parámos junto à Lagoa dos Nenúfares. Ninguém disse em voz alta uma palavra. O verde e o dourado das folhas e o timbre da colorida e magoada ressonância de roxos das flores expandiam-se pela névoa. Houve quem se sentasse na borda de um tanque de pedra que está próximo. Não sei quem foi. Mas também terá sentido, como eu senti e seguramente todos os outros, uma espécie de aparição *in extremis* de uma sombra iluminada. O que pressentimos tinha a força de um documento e a fiabilidade que articula na nossa consciência a relação com alguém escolhido em particular entre uma multidão e também entre o próprio mundo; quando o mundo consegue traduzir-se pelo psiquismo de uma nebulosidade intensa e perfeita. Por mim, sei de um modo exacto o que vi representar-se nesse regresso da Lagoa do Congro. Tinha a configuração de uma dessas esculturas de arte sacra que o tempo fez cair em menor simpatia junto dos devotos. Quase sempre de madeira policromada; e que ficou enterrada no adro da capela ou da igreja ou na base do altar em que teve assento. Nesse sepultamento poderá ficar durante séculos, somente porque perdeu o brilho que possuía enquanto nova (à semelhança de qualquer humano) ou porque perdeu sedução junto do seu público (à semelhança, também, de qualquer humano).

Lembrei-me muito de uma «Santa Catarina» que pertence à colecção do Museu de Arte Sacra do Funchal. Madeira quase irreconhecível, corroída pelo fogo da terra. Resistiu a esse lento destruir, em estado por demais perfeito, parte do rosto e do ondulado cabelo. Na sua carbonizada e corroída imagem, esse esplêndido traço escultórico consegue, como poucas outras peças desse museu maior, trazer-nos a singularidade absoluta da arte; a um só tempo, engendrado processo de diferenciação, de entendimento e de prazer entre o que é esperado e aquilo que é surpreendentemente novo, apesar de datado de um distante século XV ou dos alvares do XVI. Lembrei-me das esculturas de madeira que davam forma às figuras de proa das embarcações. Que ficam durante séculos sepultadas no mar, após os naufrágios. Acabara de ver nesse Agosto uma dessas esculturas no Museu de Santa Cruz da Graciosa. Madeira tão destruída como a de «Santa Catarina» do Museu do Funchal. O tempo corroera o rosto, abri-

lhe desmesuradas órbitas e o corpo dessa figura de proa não deixara, nos rasgões infligidos na madeira da sua «carne» salgada, de impor uma imagem de vigilância sobre os mares que sulcou e sobre os adversários com quem teve de sustentar renhidas lutas.

De certo modo, a vigilância que nos nossos dias exerce ainda, presa por dois esticadores ao ângulo de uma parede do Museu de Santa Cruz, é a de um temor semelhante àquele que poderíamos encontrar num ressuscitado deposto nas areias negras do pequeno porto da vila. A cabeça bem lançada, como que procura o último trago de ar respirável, antes de se ter perdido na morte de um naufrágio.

Ressuscitar do mar não me parece coisa por demais gloriosa, sobretudo para trazer a vida que lhe oferece a sala de um pequeno museu e ficar aprisionado por duas cordas e dois ganchos. Ao menos que o destino lhe desse de novo o mar - bem mais obscuro do que vinho - e a proa de um navio. Foi uma configuração assim, capaz de ferir os níveis mais profundos do consciente, que perpassou pelo nosso meio quando passámos pela Lagoa dos Nenúfares.

As amáveis criaturas que tínhamos sido - quando um de nós fotografou o nosso repouso e abandono -, já não o éramos ao retomar o caminho de regresso. Pois entregáramo-nos à harmonia oculta da matéria, coisa que persegue com tenacidade a quimera subterrânea das afinidades electivas.

A figura de proa da embarcação de setecentos, suponho, só alguns de nós a conheceram. Nem todos tinham o meu gosto (provavelmente mesmo vício) de praticar todas as ilhas. Alguns desse grupo nunca foram à Graciosa. E um dos que por lá passou várias vezes nunca entrou no museu, pois só conhecia na ilha três caminhos: do aeródromo para a estalagem, desta para as termas do Carapacho (nunca me soube explicar a qualidade ou o fim útil das águas) e, à hora do jantar, da estalagem para uma taberna nas funduras de uma enseada onde comia mariscos. (Desconheço o teor do seu ácido úrico no fim da estadia.) Mas todos pressentiram um volume de cinza, assim mo disseram, mais húmido que as molhadas roupas de verão que vestíamos.

O nosso silêncio não era já um silêncio comungante com a natureza das duas lagoas; era um silêncio de animais de linguagem que, de momento, se tinham esquecido de que eram um pouco mais; de que eram animais de amizade. Nessa noite, falou-se e bebeu-se em excesso e o temor das formas, que não passa de uma conjectura indistinguível, apoderou-se do sono de cada um. Talvez por o vinho ser uma bebida de derrota. Só lhe conheço uma virtude, a de nos deixar arder, intactos, sob a face de muitas máscaras.

Diálogos Mário Moura

O Frade que levava a rir dois no capelo 'Tristezas nunca pagaram dívidas'



De pequenos, intensos e penetrantes olhos azuis, dono de uma ironia bufa, alto e seco de carnes, era homem que sabia agradar a amigos e desarmar inimigos. Fez uma corte de amigos entre os 'Casaca' da rua Direita, entre os amantes do bom vinho, entre netos, filhos, fossem velhos ou novos. Há quem diga que se tivesse ido à escola teria sido um Doutor completo. Arregalando os olhos, descaindo o chapéu sobre a nuca e levantando o dedo indicador respondia: 'não me dêem cobranto!' Não sabia uma letra, mas digerira com gozo a vida: 'tristezas nunca pagaram dívidas!'

Veio a este mundo no bairro do Curral, entre os Elias e os Teófilo, na foz da ribeira Grande, casou com uma Carreiro da rua das Espigas, filha de pedreiros, e foi viver numa casinha da rua do Castelo a duzentos metros do Curral, enviuvou e regressou a uma palhota no Curral. Mais tarde a uma casinha a duzentos metros da primeira. Em novo foi à aventura à ilha Terceira, em velho, esteve em Braga e foi à América. De resto conhecia todas as festas da ilha tão bem como os calhaus das Calhetas ao Porto Formoso. Conhecia todos os poisos dos polvos, os buracos dos caranguejos, os gostos dos sargos, das salemas, dos bodiões. Foi calhauzeiro mas também foi vinhateiro mas acima de tudo foi homem de sete ofícios. Conhecia como as suas mãos as vinhas da beira-mar. Sabia como ninguém manter durante horas a fio audiências rendidas. Generoso, tinha sempre algo para oferecer ou traficar. Ofereceu-me, por alturas do Santo António, um viçoso manjerico. Em entrando o mês de Setembro, dizia: 'o mar está cheirando o vinho novo, não pára enquanto não provar o vinho das adegas!' Assim explicava os mares alterosos de Setembro em diante. Todos os anos pelos Terceiros, pedia ao Santo Cristo Atado à Coluna, o que viera numa caravela dar ao porto de Santo Iria, mais um ano de vida. Completara oitenta e oito anos quando foi a enterrar num cintilante Domingo de Julho. As suas Poças e o Areal estavam cheios 'a caculo'. Nasceu a 21 de Maio de 1914 e faleceu a 13 de Julho de 2002. Era filho de Manuel Moniz Frade, um calhauzeiro que 'morreu da rocha abaixo', e de Maria José, uma doméstica 'pau para toda a obra'. É esse o **Ti Mariano Frade** que guardo na memória.

amanhadas, cobertas de palha e de chão de terra. Os caminhos eram todos terreiros. Não havia água nem luz dentro de casa. Era pais, avós e netos tudo ao molhe em casas do tamanho de casas de bonecas. Um poderio de gente! Quando se cozia pão as casas ficavam mais negras que carvões. E o fumo e o cheiro das candeias de azeite de 'gata'? Dar de corpo e urinar era para a rocha ou para a ribeira. Ou nuns penicos da Lagoa mal amanhados já cheios de 'gatos'. As casas ficavam no largo e ali para dentro, por detrás da rua das Espigas, ao pé do Ala-Bote. Aquilo ali era quase tudo gente que andava pelos calhaus. Alguns tinham uns barquinhos no porto de Santo Iria para ir ao peixe. As mulheres lavavam a roupa dos senhores da rua Direita na ribeira. Havia cães com fartura. Quem lá entrasse à noite, quase todas as casas tinham um cão deitado à porta, assim que ladrasse um, não prestavam para nada, mas assim que ladrasse um, misericórdia, era uma música, era a música dos cães. A gente finava-se de rir acolá para dentro! Galinhas e porcos andavam pela ribeira e por cima da rocha à procura de comida. Cada um conhecia as suas. A minha mãe chamava pelas galinhas, pedrês, raiada, e elas vinham a correr. Era tanta a fome que íamos ao calhau apanhar lapas, búzios, caranguejos, seja o que fosse, para matar a fome. Aquilo era a nossa dispensa. Galinha? Só quando alguém estava para morrer. Ou pela festa do Coração de Jesus. Era tanto o desejo que uma vez eu, sem a minha mãe saber, dei um toque bem dado numa, e fui dizer a ela que a tinha encontrado morta na rocha. Ela, que Deus lhe dê o Céu, nunca acreditou, ficou sempre desconfiada, mas não disse nada, e lá governou o jantar. Coisas que a gente fazia para enganar a fome! Naquela noite enchemos bem a pança! Os rapazes andavam de manhã à noite pela areia e pela ribeira a fazer mal. A escola foi por um canudo, a minha escola foi o calhau e a areia, as letras não enchiam barriga. A gente para ir para a rua Direita era

um problema, aquilo ali era dos Casacas. A gente ia mas era de fugida. A gente vivia na Ribeira Grande, mas era na Ribeira Grande da pobreza, a Ribeira Grande da fartura, dos ricos era lá em cima, na rua Direita, a terra dos Casacas. Homens e mulheres de pé descalço e mulheres de xaile pelo lombo. Aquilo era outra terra. Daquele tempo só tenho pena da saúde.

As Poças e Santo André: os poisos do homem

MM: Como recorda as Poças e Santo André?
MF: Era tudo muito diferente de agora! Não há comparação. As Poças Velhas (ao lado das Poças) estavam onde hoje é a Piscina lá de baixo. Era aí que os rapazes de Santo André que não tinham calções ou dinheiro, quem é que tinha dinheiro naquele tempo!, para comprar o bilhete. Os do Curral, da Vila Nova, da rua da Praia iam para o Areal. Tomavam banho *incoiros*. Mesmo que tivessem calções ou dinheiro, eram corridos de lá para fora. Eram enxotados como cães. As Poças eram dos senhores. As senhoras finas da rua Direita e as mulheres de Santo André iam tomar banho logo pela manhã, vestidas de roupa da cabeça aos pés. A primeira mulher que vi a tomar banho de fato de banho foi a mulher do Dr. Jorge. Havia gente que dizia que uma mulher de propósito não havia de fazer aquilo. As pessoas punham-se a mirar. Havia casas do lado do mar na rua do Castelo e uma fonte mesmo lá em cima onde a gente ía buscar água em talhas da Lagoa para as casas. Eu morei defronte, onde hoje é a loja do Domingos Coroa, que foi a casa onde eu morei quando me casei. Os quintais, umas nesgas de terra!, eram virados para as Poças. Agora isso está tudo enterrado. Aquilo era uma porcaria! No tempo do Monteiro, quando a Câmara fez a Piscina (cá em cima), começaram a tirar as casas e o pessoal foi morar para o bairro do Palheiro. Havia uma entrada bonita para as Poças. Era uma escada comprida, com

O Homem e a família: sobreviveram-lhe dez filhos, mãos cheias de netos, um punhado de bisnetos e carradas de amigos

M.F. Tenho dez filhos. Vieram dez e está tudo vivo aí. E com tanta fome que passaram. Casei duas vezes, tenho três filhos da primeira: o Manuel Frade [Carreiro Moniz] é o mais velho, a seguir é o José Frade [Carreiro Moniz], que está no Canadá, o terceiro é o Alfredo Frade [Carreiro Moniz] que trabalha na *fábrica do leite* [Lacto Ibérica]. São filhos da Maria Estrela Carreiro Moniz. Ela morreu com 27 anos feitos quando estava com uma criança na barriga. Já me tinha morrido uma rapariga. E desta [Maria Júlia Viveiros da Costa] sete: o Mariano, o Raimundo, o Tibério, a Estrela, a Inês, a Maria da Luz e a Isabel. O mais velho é o Mariano. E um poderio de netos. Às vezes vem um e pede a benção, eu digo: Deus te abençoe meu rico filho, mas para dizer a verdade eu não os conheço todos. Está tudo aí, e todos eles passaram fome, dias a oito com *papia*, farinha fervida na panela. Quando a minha primeira morreu, tive que pôr os meus ricos filhos no Asilo. Não podia ser de outra maneira. Hoje estão todos nas suas vidas.

Modos de ganhar a vida: qualquer coisa que me mandassem fazer, servia

M.M. O que é que o Senhor fazia para ganhar a vida?

M.F. Fiz de tudo. Fui calhauzeiro, vendia peixe e marisco que apanhava por riba destes calhaus pelas portas, tinha clientes de mandar peso nas casas finas da rua Direita. E vendia

caranguejo, lapas, caranguejolas, búzios e cracas pelas procissões. Tudo o que eu apanhava. Fui vinhateiro, andei no mar, arranjei quintais e quintas, tomei conta das Poças no tempo do engenheiro Monteiro. Arranjei o quintal do Sr. José Cabido. Não como vinhateiro, ia lá dar horas. Qualquer coisa que me mandassem fazer, servia. O quintal das Senhoras Mirandas. Trabalhei com o Senhor Renato Cirino. Levei quase 21 anos com o Senhor Cirino. Eu já estava lá quando o Senhor Renato foi para a tropa na Terceira. Ao depois casou lá na Terceira e regressou. O Dídio é o último compadre que eu tenho, de uma mais moça que é casada hoje em Lisboa, em Braga. Tenho um poderio de compadres e de comadres! Eu andei muito por riba destes calhaus, cada trambolhão que dei, e esgravatei muito nestas quintas. Trabalhei muito!

O Bairro do Curral: o poiso do Vingativo

M.F. A equipa dos Vingativos era tudo gente dali do Curral. Eu nasci lá. Para entrar lá era preciso levar chaves! Aquilo era perigoso. Quem lá entrava tinha que andar direito, se não, nem saía da cancela do Curral inteiro. Aquilo, no tempo em que eu me criei, era tudo gente *madura, tesa da verga*: eram os Teófilos, os Frades, os Elias. Sabe lá que família estava ali para dentro!

M.M. Havia cancela no Curral?

M.F. É como quem diz. Ao tempo não tinha, mas se lhe puseram esse nome, eu penso que devia ter tido nalgum tempo alguma.

M.M. Como era o Bairro?

M.F. Um poderio de casas quase todas mal-

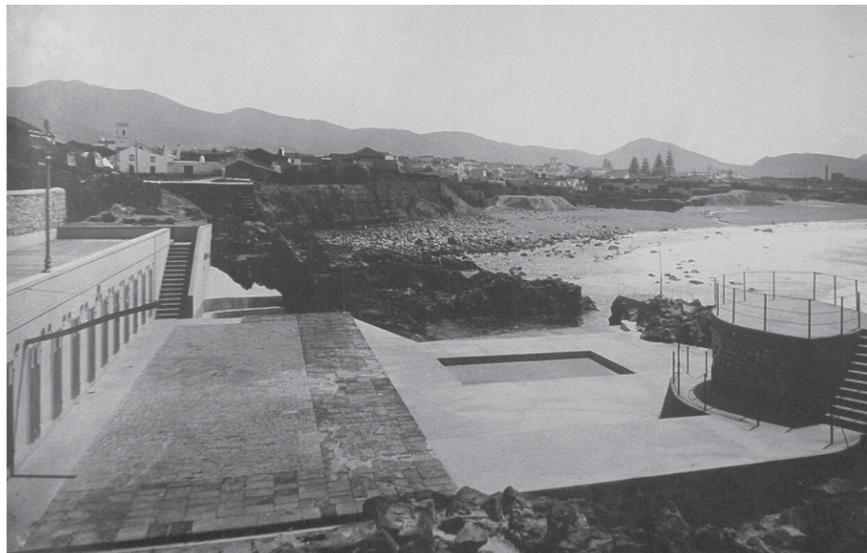
Diálogos Mário Moura

degraus largos como caminhos. As ruas eram todas de terra, não havia calçada. Não havia a rua que dá para o Palheiro, era um carreiro estreito na rocha que dava para o calhau da Mulher. O Senhor Faustino é que abriu o caminho e fez o Palheiro e fez o jardim no largo de Santo André. No sítio da Piscina que o Monteiro fez, era um curral de vacas do Remualdo. O meu pai dizia que tinha havido ali o terreiro da forca. Enforcou-se ali gente! No castelo estiveram soldados. Aqui há tempos, estavam a abrir uma vala, eu encontrei uma espingarda mal-amanhada, cheia de ferrugem, daqueles tempos! Lá em baixo nas Poças, no tempo do Monteiro foram feitas mais casas de banho, chuveiros e dois torreões. Eu trabalhei lá nesta altura. E a Poça foi alargada. Muita pedra arrebutaram. Teve lá e na Piscina um poderio de pedreiros de manhã à noite. Aquilo é que foi tirar pedra. O que está feito agora foi feito no tempo do Senhor Mota. Oxalá que façam aquilo que eu vi numa fotografia que botaram ali em cima na altura dos votos para a Câmara [Complexo Balneário e Via Litoral]. Isto vai ser para o tempo das galinhas com dentes! Já no tempo de meu pai e do meu avó, e do pai dele, se dizia que se ia fazer aquilo! E fizeram! Está-se a ver. No tempo da guerra, o Palheiro estava cheio de soldados de Lisboa. Não havia semana que não houvesse arengas. Era porrada de ferir lume a modos de haver cabeças rachadas! Eu conheci a ermida de Santo André quando tinha um adro bonito, com um muro à roda, como tem na ermida do Rosário. E como havia nalgum tempo na igreja Matriz. Todos os anos havia uma festa de mandar peso por Santo André. Pelas festas, quando passava a procissão, a procissão do Coração de Jesus, antes de se rejeitar foguetes, fazia-se barulho com um canhão de ferro. Depois é que o Senhor Faustino mandou fazer o jardim. Antes disso Santo André era igual ao Curral. Agora é que isso está bem bonito. Quando estive nas Poças, alugava calções e bóias. Bóias de pneus de tractor e de camionetas. Umas pequeninas e outras do tamanho de rodas de tractor.

Os Vingativos: o clube dos do Curral

MM: Como surgiu a ideia de criar o clube de futebol os Vingativos?
M.F. – A gente jogava à bola, sempre jogou, por aqui e por acolá. Era ‘*ses como for*’. Descalços e com os dedos dos pés *arregoados* com cada topada em cada pedra! Uma vez, chegaram uns rapazes da Terceira, eram os Faialenses, eram filhos daqui, filhos de caboqueiros, e disseram: Mariano queres jogar à bola? Eram eles, eu, o José Elias, o ‘Eriel’ Grilo que trabalhou aqui com os Gamboas na casa onde tu hoje moras, o Serafim Graça, e outros.
 E agora eu: quem é que vai botar sentido à gente? A gente pediu à tia Maria dos Anjos do Elias para lavar a roupa. Era uma mulher forte. Pois ela disse: eu tomo conta de vocês e lavo a roupa e faço os *banquetes* se for preciso para vocês comerem. E ela fez isso: era estraçoada do açougue, eram coalheiras de vaca com batata! Ia-se buscar o vinho e a gente comia.
 Da venda das entradas aos jogos, a gente havia de tirar para as despesas: a licença na Câmara para ir jogar, para lavar a roupa, para a comida. Já se sabe, a gente ganhava com uns, perdia com outros, guerreava com uns, guerreava com outros, andava de rolo naquele campo que era uma vergonha. No Campo das reses. O José Faialense era o capitão da equipa. Era o José ‘Saca das Bolas’ porque ele fazia o jogo do quino. Sacudia as bolas numa saca: a bola quando saía entrava outra vez. Era finir de rir!
M.M.- Que idade tinha?
M.F.- Eu haveria de ter para aí uns 18, 19 anos, eu estava perto a casar. O Ideal e o Águia já

estavam abertos há anos.
M.M.- Porque escolheram o nome de Vingativos?
M.F.- Quem deu o nome foi o tal rapaz, o Faialense.
M.M.- Como eram as camisolas?
M.F.- Eram vermelhas. Ao depois o Faialense não quis mais as camisas vermelhas, quis umas camisas como as do Ideal, meio brancas com riscos verdes. Ao alto, todo riscado. Um risco mais largo, outro risco mais estreito. O nosso grupo sempre se deu mais com os do Ideal, a gente não gostava muito do Águia porque se dizia que os do Águia botavam o Santo António no forno: se perdessem, o Santo António ia de castigo para o forno, se ganhassem, o Santo António era alumiado com velas.
 Era aquela família dos Capelas, era de finir de



rir! Nunca vi com os meus olhos. Dizem também que o Teixeira, da Vila Nova, levava o livro do São Cipriano debaixo do braço. Ele era meio amaricado. Tás percebendo! Eu também nunca vi isso. Quando o Águia perdia, então era porque o Teixeira não tinha lido bem no *livro*, não tinha posto as coisas em condições.
MM: Tinham sede?
MF: O clube dos Vingativos era no Curral. A gente chamava ao clube a loja do Grão. [Porque?] Era lá que a gente comia alguns grãos de favas cozidas com alho e pimenta e rabos de vaca. Às vezes eram coalheiras de vaca. Era aquilo que a gente comia. E sopa de fueiro, a modos de ficar negro! [Como era?] Era um mostrador que a gente fez com umas costaneiras, numa casa velha, da tia Maria dos Anjos. E uma mesa para a gente comer. Ela vendia lenha, leite, cozia pão. Era um clube da gente comer e ficar devendo ao dono. Nunca pagámos à pobre da tia Maria dos Anjos Elias. Ela é que ia vender rebuçados para arranjar o dinheiro para pagar as despesas, eram coalheiras, era o pão do Gouveia, de um Chico Gouveia, pai do Ildeberto Gouveia, que morava naquelas casas acolá em cima. Credo, quando víamos o pão, o pão vinha numa canastra, quando a gente via a canastra do pão, a gente dizia assim: temos que comer, vá para baixo à conta de Deus, a gente queria era comer. A Maria dos Anjos tinha paciência. Fazia aquela comida bem feita! Deus te livre, a gente consolava-se a comer, vinho não faltava, às vezes eram alguidares de vinho! Alguidares de barro, alguidares cheios, a gente vinha com uma tigela. Não faltava quem vendesse, havia muito vinho naquele tempo, esta beira-mar era toda de vinhas. Era tudo até à beira da rocha, isto era tudo vinhas por aí abaixo. A gente ia buscar à casa das Berquós, para os lados do moinho que hoje é do Carlota da Ribeirinha, talhas e jarras de barro cheias de vinho para a gente beber cá em baixo. A gente levava duas patacas, três patacas e trazia uma talha de vinho.
M.M.- Quem era o vosso guarda-redes?
M.F.- Era o Manuel Faialense, irmão do José Faialense, que casou com a filha dum tio

Morais daqui da rua das Espigas.
M.M.- Em que lugar é que o Senhor jogava?
M.F.- Eu era *back* do lado direito, jogava sempre ali do lado do tanque no campo das reses. O Faialense era *back* esquerdo, jogava do lado do caminho. A gente foi uma vez jogar a um pasto, havia campo mas era preciso pagar uma licença na Câmara, e a gente para não pagar a licença nem nada fomos dar uma desforra para um pasto, o pasto estava aos trambolhões, cheio de sarragaço, caía um para uma banda, outro para a outra. Misericórdia! Guerreias, então! Algum vinha sem alguma malha de cabelo na cabeça! Naquele tempo isso era um caso sério, não é como agora, isso agora não há guerreias nenhuma!
M.M.- Com quem jogaram vocês?
M.F.- Jogámos com a Ribeira Seca, com a Ribeirinha, também com o Ideal. A gente

para casa, comer e beber. Havia taças, eles chegaram a fazer com papéis de prata. Forravam latas com papel de prata.

Os calotes à Maria dos Anjos Elias

M.M.- Porque é que os Vingativos desistiram?
M.F.- Desistimos por causa das dívidas, não havia dinheiro para pagar à Maria dos Anjos do Elias e o clube fechou. Aguentou pouco mais de um ano. A gente deitava uma corda para não deixar entrar gente no campo sem pagar, mas uns saltavam, outros furavam, não tinham medo da gente, e a gente ficava a ver navios. A Maria dos Anjos Elias pôs-se neste barulho, mas chegou a uma altura em que a Maria dos Anjos Elias disse: essas dívidas estão grandes, é preciso a gente fazer contas! Ora no tempo eu não tinha dinheiro, eu não possuía nada, se eu quisesse comer tinha que ir às lapas, os outros também, cada qual ia para seu lado, ninguém tinha nada. Deixámos de jogar, o Faialense pegou nas camisas e botou tudo dentro de uma saca. Ele regressou à Terceira e levou as camisas consigo. As botas já não prestavam para nada, muitos davam um *coice* na bola e a bola é que ia com a bola. Eram botas sem prestar! Uma vez, eu dei um coice na bola e saiu bota e tudo. Foi cair a rir. A minha equipa, os outros, toda a gente, a rir, a rir, a bom rir. A gente *escangalhou-se* a rir! O jogo parou. E não era para menos. A gente sempre se ria, tirava a barriga da miséria e dava e levava porrada de arrancar a guedelha de algum. Coisas de rapazes já grados.
M.M.- Vocês ganharam algum jogo?
M.F.- Ganhámos alguns e perdemos sempre! A gente ganhava era em casa da Maria dos Anjos do Elias! Lá a gente comia, bebia alguma garrafa de vinho, algum prato de coalheira, algum bocado de pão de trigo. O nosso mal era a fome, a gente gostava de jogar, eu gostava *poderios* de jogar, mas para lhe dizer a verdade, a gente ia mais pela comida. A Maria dos Anjos dizia assim: eh Mariano, então filho da nação, isto já vai adiantado, virava-me eu assim: a gente não tem um grupo bom, para a semana há-de vir um grupo bom de fora, e vai haver dinheiro para pagar as dívidas. Até hoje! A pobre da Maria dos Anjos só viu calotes!

PS: ‘Antes da guerra (II Guerra Mundial), já havia os Vingativos. Foi o Agostinho Dâmaso, juntamente com amigos, Faial e Nogueira. O clube ficava na rua de Gonçalo Bezerra, ao lado da loja de Mestre António Fona, por cima da oficina de marcenaria do Agostinho Dâmaso.’ Testemunho de José da Ponte. ‘Com o mesmo nome de Vingativos e talvez com o Faialense à frente mais um cunhado, de nome Nogueira, e depois da II Guerra Mundial, existiu um clube com a sede ao lado da loja do Mestre António.’ Testemunho de Luís Vieira.

JOSÉ DO COUTO, LDA.

AREIA DRAGADA
E AREIA FABRICADA

EMPREITEIRO DE OBRAS PÚBLICAS
MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

ESTRADA REGIONAL, N.º 34 ◆ 9600-214 RIBEIRA SECA RGR
TEL.: 296 470 410 ◆ FAX: 296 470 419

Aos novos VII

A Educação

O Padre Américo - Construtor de Catedrais Humanas no tempo



Casa do Gaiato de São Miguel

Começou a Casa do Gaiato de São Miguel em Capelas, por 1 de Outubro de 1952, com o mínimo de estruturas, sendo inaugurada solenemente por 2 de Abril de 1956, com a presença do Padre Américo.

No artigo anterior apontei que esta obra nos Açores, nasceu no coração de um grande bispo, D. Guilherme Augusto, mas Deus perdõe a Frei Elias não ter ponderado profundamente o assunto da desagregação da obra da rua ora creada, da sua matriz no continente português. Fê-la depender aqui nos Açores, da autoridade eclesiástica local, no tempo de D. Manuel Afonso de Carvalho. Os anos rolam, os homens sucedem-se, os compromissos falham e depois sobrevém a confusão. Dividir nunca foi meio de progresso e, o que nos diz a História neste capítulo tão delicado como pertinente!

A Diocese, com inúmeros problemas resultantes da sua extensão geográfica, não podia nem pode arcar com mais este, pois os seus padres e formadores não têm preparação nem adequação para tratar com os rapazes da rua. Já lá vai o tempo dos orfanatos e asilos que tiveram sacerdotes como directores. O clero hoje, prima tratar com os jovens nas escolas básicas e secundárias, enquanto o permitirem os governos da Nação.

Hoje a Casa do Gaiato de São Miguel, alberga 33 rapazes e para Outubro próximo, perfaz 50 anos de existência, as suas Bodas de Ouro.

Casa do Gaiato do Farrobo

Foi esta casa Inaugurada a 28 de Setembro de 1969, no Farrobo, ilha do Faial, à entrada do aprazível Vale dos Flamengos, limítrofe da Horta.

O bispo de Angra, então D. Manuel Afonso de Carvalho, benzeu as instalações com a assistência de um bom milhar de espectadores, atraídos e levados não por uma simples inauguração, mas pela simpática e transcendente obra dos padres da rua. A Igreja não doutrina apenas, fazia, concertava e dava a mão à pobreza caída e esfacelada na rua. A obra de construção de raiz, levou três anos a concluir-se, servia para corrigir a delinquência Juvenil, fazer homens de rapazes apanhados na rua.

D. Manuel Afonso, na sua homilia deu a

entender aos presentes que algo de novo e surpreendente se passava em Portugal, pois o Padre Américo, levado pela Divina Providência, «cavou os alicerces de um grande edifício, plantou uma grande árvore, cujos ramos atingem todos os cantos de Portugal».

Até o dr. Freitas Pimentel, governador civil da Horta, um dos assistentes à inauguração, afirmava que com esta instituição, «estava de pé o ensinamento da Igreja Católica porque a caridade social constitui a alma da verdadeira ordem humana».

Um balanço concluído em Abril de 2000, apresentava estes índices de vida activa dos Jovens da casa do Farrobo:

310 passaram por lá e eram: 80 do Faial; 70 do Pico; 20 das Flores; 25 da Graciosa; 55 de São Jorge e 60 de São Miguel.

E, quase a cair a pena para o que vamos relatar. A 15 de Setembro do ano 2001, chega-nos uma comunicação do Prelado Diocesano que, no seu número 6, divulga: «Por decisão da Obra do Padre Américo nos Açores, fechou a casa do gaiato no Faial. Por um lado, a Cáritas não conseguiu constituir uma direcção no Faial e por outro lado os utentes, eram poucos e todos naturais de São Miguel. O Instituto Rainha dos Apóstolos, proprietária dessa casa no Faial, entende aliená-la. A Diocese está interessada em adquirir-la para centro Pastoral da ilha e por enquanto vai arrendá-la».

Uma das razões é óbvia e justificável, a outra não se aceita que a cáritas, coração e braço – de – ferro da Igreja, após um ano de voluntariado, não tivesse conseguido elementos para a constituição de uma direcção e, na ilha do Faial que sempre se comprouve em receber e ajudar carenciados. Hoje nota-se ao contrário do que se expôs, uma competitividade e quase guerrilha no acesso às nossas instituições de caridade, concorrendo duas listas e em lutas por vezes renhidas. Mas, os gaiatos nada tinham a administrar!

Honra ao presidente da direcção da casa de Infância de Santo António da Horta, Tomás Rocha e ao provedor da Santa Casa da Misericórdia daquela cidade, Eduardo Caetano de Sousa, garantindo que os rapazes da extinta casa do Farrobo, não ficariam na rua, desta lhes bastava o nome! Frei Raul em «O Apóstolo da Rua» de Outubro de 2001, oferece-nos com muito sentimento e dor, o acesso ao processo que tudo desencadeou: «Encerramos as nossas actividades com a casa do gaiato do Faial, mormente por falta de pessoal masculino competente e dedicado que voluntária e totalmente se dispusesse a viver com os nossos rapazes dia e noite. Sempre. Mesmo até que se revezassem para tomar novo alento e prosseguir». Realmente a falta de elementos válidos, padres, irmãos, levou a este desenlace, restando apenas a Frei Raul, a despedida em forma:

«Aos faialenses e picoenses que desde a primeira hora até 31 de Agosto findo nos acarinharam e ajudaram muito, a nossa gratidão e Deus lhes pague».

Conjugando e relacionando todos estes factos e outros que aparecendo à ribalta, procuram atingir por tudo e por nada e até na imprensa, a própria instituição, ofereciam a um hábil e douto psicólogo, um veredictum sobre o delicado e controverso processo, examinando a Igreja nos Açores desde o primeiro quartel do século findo e até aos nossos dias.

E no mesmo citado número, Frei Raul deixa escapar certas mensagens que são pesadelo para quem governa e orienta: «Os cristãos de hoje são uma farsa muito grande. Uma mentira, como já dizia o Evangelista João: como dizes amar a Deus que não vês, se não amas o teu próximo como a ti e que vês?».

E continua o «Apóstolo da Rua»: «Em vez de três anos de Palavras, o melhor seria renovar-se a Igreja na sua acção acaritativa».

O veredictum final, não é nosso nem de ninguém!

Pertence a quem, com toda a independência e sabedoria, souber devidamente traçá-lo.

Passemos a uma nova catedral: Património dos Pobres

Ramo poderoso de uma grande árvore que, segundo D. Manuel Afonso, na sua homilia há pouco referenciada, chegou aos Açores.

O Património dos Pobres, tem muito a haver com o meio ambiente em que as crianças nascem e crescem e entra-se no atacar as causas da pobreza.

Nos anos 40 e por diante, o problema dos bairros começa a interessar à Igreja, já que o Estado e muito tarde, desperta para o problema. E a Igreja em Portugal, trabalhou em consonância.

Em artigo que publiquei em «O Telégrafo», Fevereiro de 2001 sobre a acção social da Igreja, saía este número escaldante de haver na diocese de Beja no ano 53, 600 famílias desalojadas, vivendo em cabanas e em barracas pavorosas, cubículos escuros, negros e sem ar. E o apostólico bispo daquela diocese, D. José do Patrocínio Dias, quem promoveu a construção do Bairro Popular da Nossa Senhora da Conceição e viu o nascer de 100 novas casas, mui adaptáveis para a época.

Padre Américo faz o mesmo e começa por chamar e interessar os padres. O governo acede com uma participação de 10 contos por cada casa a erguer-se. Esta obra benemérita chegou aos Açores, nos anos 50 levantaram-se 3 casas na Lomba de São Pedro que ainda estão de pé e na freguesia Matriz da Horta mais três em 58 e que ainda existem junto ao Bairro da Boa Vista.

O Ministério exigia contas mas o Ministro

Duarte Pacheco, não as exigiu ao Padre Américo. A morte prematura em desastre deste Ministro, foi uma perda Nacional.

Eis uma faceta interessante como relevante, da Obra da Rua para os novos meditemos, apercebendo-se do que pelos pobres fez a Igreja.

Terceira Catedral – O Calvário.

É uma pequena enfermaria de retaguarda, onde se cuidava, à maneira do bom Samaritano do corpo despedaçado e da alma dorida, dos utentes que batiam à porta e não tinham lugar condigno de esperar a morte.

Foi aberto perto de Calhetas em 23 – 10 – 56 pelo Padre Américo e fechou já a 8 – 8 – 2001, indo os 6 utentes na altura, para o Lar da Levada.

É relevante a pressa com que estas instituições estão a encerrar-se! que mistério, tudo a burocratizar-se!

Epílogo

Teorizar o pensamento do Padre Américo a partir da acção que este trabalhador social, desenvolveu em Portugal até à sua morte em 1956, foi a tese com que o professor da Escola Superior de Educação de Castelo Branco, Ernesto Candeias Martins, terminou o seu doutoramento na Universidade das Ilhas Baleares, tendo-lhe o respectivo Júri atribuído a pontuação máxima, pelo seu erudito trabalho. Ao todo são mais de mil e quinhentas páginas de um tema pouco investigado, ou seja estruturar o pensamento que esteve na base do desenvolvimento de uma obra ímpar no solo português.

Dos 120 gaiatos entrevistados e cujos depoimentos serviram de base à tese, 85% estão bem na vida familiar, social e profissional.

Padre Américo, foi um educador social que não teve formação pedagógica nem filosófica, mas era dotado de grande capacidade intuitiva, vinculada a uma espiritualidade activa.

Serve-se, como São Bento da oração – acção.

Dizia aos membros do governo: estou a roubar garotos à cadeia.

Padre Américo vai a caminho dos altares. O respectivo processo deu entrada na Cúria Romana em 1995 e cinco anos depois, foi-lhe apenas a referida tese de Ernesto Candeias Martins.

Os novos que lerem estas despreziosas nótulas, não lhes será difícil descobrir neste génio social, o São João Bosco português.

A sua terra natal, Penafiel rendeu-lhe sentida homenagem, rotulando com o seu nome de patrono o magnífico hospital da cidade.

Os quês e os porquês

As travessuras de Baco

ponte@aer.com



Baco tinha acabado de sair da perna do pai quando desatou aos berros. Não era para menos! Sua mãe, Sêmele, achara a morte com o filho, ainda feto, no seu ventre. E o pai, Júpiter, deus dos deuses, vai de enfiar o feto não na barriga, nem tão pouco na barriga da perna, mas na coxa, não fosse o filho nascer prematuro. Uma bacoquice das grandes, com Baco feito num oito, meses a fio em tal desconchego. Mas adiante, que os desígnios dos deuses são sagrados.

O que nasce torto, tarde ou nunca se endireita. Com a mãe enterrada e o pai sempre embarcado, entretido em guerras e outros desmandos, Baco cresceu no monte Nisa, educado pelas ninfas, e cedo aprendeu a amanhá-lo com Sileno. Pois o rapaz, que era de boa cepa, tomou de tal jeito o gosto às uvas, que um dia, à socapa, mandou encher as termas onde ia a banhos, não com água, mas com os cachos mais sumarentos e doces da vindima, e atirou-se, cabeça, tronco e membros, para o manjar da sua vida. Imagine-se o festim: Baco, aos pulos e aos mergulhos, esbracejando entre as uvas, a

comer à boca cheia.

A sua gulodice durou horas, mas não deu para as uvas todas. As termas eram agora uma imensa balsa cheia de cascas e sumo de uvas esmagadas. Zangaram-se as ninfas quando descobriram tal desatino, e prometeram mostrar a mixórdia ao pai quando voltasse. O resto da estória já os leitores desconfiaram. Aquele mosto, como hoje se chamaria, com o passar dos dias, transformou-se no mais fino e licoroso vinho. Quando Júpiter chegou, provou e digamos que achou bacana. Em vez das iras do pai, Baco teve de lhe aparar os tombos. Foi seguramente a primeira bebedeira da história, e desde aí nunca mais houve tempero.

Milhares de anos se passaram, entre bacanais e piegas, sem que alguém percebesse como um cacho de uvas doiradas, só mel e doçura, dava em vinho e em pagode. Até que um punhado de sóbrios, que os havia, finalmente desvendou o segredo da fermentação do mosto. Fez-se assim justiça às leveduras, organismos microscópicos, primos dos bolores, que existem naturalmente na casca das uvas. Quando os cachos são esmagados, as leveduras misturam-se promiscuamente com os sucos doces das uvas e, mais gulosas do que Baco, devoram o açúcar do mosto, expelindo em troca dióxido de carbono, que se liberta



com o tempo, e álcool, que se acumula na balsa. É por isso que bom vinho não se faz sem uvas doces.

A arte de fermentar o mosto foi sendo aperfeiçoada nos lagares e nas adegas e esmiuçada nos tratados de enologia. Hoje, apuram-se as leveduras mais eficientes e controla-se a temperatura para facilitar a reprodução das leveduras e a sua acção de fermento. Curioso é que, tanto hoje como há milhares de anos, o processo de fermentação leva muitos dias, mas o

álcool, esse sobe depressa à cabeça.

Se os deuses viraram bebedanas, depois daquela afoiteza de Júpiter, ninguém sabe. Os mortais, esses nunca mais perderam o gosto à pinga. Dos bons vinhos falam os enólogos, mas qualquer carrascão serve para matar o bicho. E matar o bicho, mata, que se farta. Quando será que nós, mortais, vamos sair da cepa torta?!

Rui Melo Ponte

Até dá gosto

Quadrados de Álcool



Ingredientes:

- 250g de açúcar.
- 200g de manteiga.
- 250g de fécula de batata.
- 6 ovos pequenos.
- 1 colher de sopa rasa de fermento.
- 4 colheres de álcool.

Bate-se o açúcar, a manteiga e as gemas até obter um creme esbranquiçado e fofo. Junta-se a fécula e o fermento peneirados, depois o álcool e finalmente as claras em castelo.

Vai ao forno moderado, com papel vegetal a forrar o fundo do tabuleiro devidamente untado com manteiga. Retira-se quando estiver cozido e louro.

Mais tarde, corta-se aos quadrados e serve-se.

Receita cedida pela Sr.^a D. Adriana Faria.

Orlía Botelho / Rafaela Cardoso



P a u l o M i r a n d a

Inconsciência

Esta angústia ardente que trago comigo no peito.
Esta névoa sombria que me amortalha as palavras,
é dor que desatina em mim cruelmente,
é fogo que me queima e me aniquila.

Quando voltará a noite?
Quando desabafarei meus segredos ao luar?
Talvez nunca! Cansaram-se as estrelas de mim!
Cansaram-se as trevas de mim!

Nunca. Nunca mais gritarei ao infinito.
Nunca. Nunca mais chorarei no silêncio,
abraçando na noite as distantes estrelas.

É esta a angústia que me consome.
É este o fogo que me condena o espírito.
É esse o preço! É esse o abismo de ser consciente.

A Ribeira Grande e o turismo II



No que respeita ao futuro, pode-se constatar que já existe uma maior preocupação, nomeadamente por parte do Governo, para a definição de uma estratégia de actuação que vise por um lado promover o destino Açores e simultaneamente criar condições para que se desenvolvam estruturas de apoio. A estratégia de crescimento não pode passar unicamente pela construção de mais unidades hoteleiras, aumentando assim a capacidade de alojamento, mas também terão de ser criadas estruturas que visem dar ao turista um maior leque de opções de entretenimento.

O Plano do Governo Regional dos Açores prevê que até 2004 sejam atingidos os seguintes objectivos:

- Fortalecer e modernizar a oferta de alojamento e equipamentos de animação e restauração;
- Diversificar a procura e reduzir a sazonalidade;
- Reforçar a qualificação dos recursos humanos e a estabilização do emprego no sector.

As principais metas a atingir são:

- Criação de mais 4.000 camas ao nível do alojamento hoteleiro tradicional e de 300 camas em unidades de turismo no espaço rural;
- Ultrapassar 8 milhões de contos (39,9 M) de receitas da hotelaria (preços constantes);
- Criação de 800 novos postos de trabalho no sector hoteleiro;
- Instalação de 1 escola hoteleira;
- Construção de 1 campo de golfe;
- Criação de 1 centro cultural e de congressos e de 1 pavilhão de exposições;
- Recuperação de 3 unidades termas (Carapacho, Ferraria, Varadouro);
- Conclusão de 1 parque de campismo de 4 estrelas (Furnas).

O turismo assumiu-se como sector de aposta no desenvolvimento económico dos Açores. Quer as estatísticas mais recentes, quer as intenções de investimento que se desenharam nos últimos anos, quer ainda o que se contempla em instrumentos, como o Plano a Médio Prazo, constituem já prova de que o modelo de desenvolvimento da Região já não está a assentar, quase em exclusivo, no sector primário.

Refira-se que os Açores tem sido a região



do país onde as taxas de crescimento têm sido superiores. Estes já são os reflexos de uma redefinição estratégica orientada para a importância que este sector terá na nossa economia.

Contudo, na opinião do Director Regional do Turismo, ainda não existe uma cultura de turismo nos Açores, sendo esta uma Região muito nova, havendo ainda muito caminho a percorrer para que consigamos ter efectivamente uma prestação de serviços de qualidade nesta área.

As vantagens que o destino Açores mantém, têm a ver com o facto de se poder encontrar uma natureza intacta nestas

ilhas, existindo, pois, grandes potencialidades de oferta com qualidade neste território. Contudo, ainda existem algumas fraquezas que são obstáculos a ultrapassar. A questão estrutural das acessibilidades ao território, ou seja, os transportes e o acesso à Região, que está longe dos principais mercados emissores de turismo. Outra fraqueza tem a ver com a questão da cultura turística que a sociedade açoriana precisa e com a necessidade de uma maior consciência turística, o que também se repercute na qualidade da prestação de serviços. É necessária muita formação e de mais gente no turismo, mas qualificada.

Marco Sousa

Destques

Abertura do novo ano lectivo na Ribeira Grande

Passou despercebida a cerimónia de abertura do novo ano lectivo que se realizou na Ribeira Grande.

Se tivesse ocorrido em Ponta Delgada não faltariam os jornalistas da imprensa, da rádio e da televisão.

A Ribeira Grande, também neste aspecto de cobertura noticiosa, tem o azar de pertencer à mesma ilha de Ponta Delgada. Mas o nosso jornal não pode ignorar o que aos outros passa ao lado, porque se realiza na nossa Cidade ou Concelho.

No dia 13 de Setembro deu-se início ao novo ano lectivo, com uma cerimónia que ocorreu no Teatro Ribeiragrandense, com a presença do Secretário Regional da Educação e Cultura, do Presidente da Câmara Municipal e do corpo docente da nova Escola Básica Integrada da Ribeira Grande.

Escola Básica Integrada

A presença do Secretário Regional na Ribeira Grande tem significado por duas razões. A primeira porque deu início a uma nova etapa do Ensino Básico nesta Cidade. A Área Escolar da Ribeira Grande, que abrangia as Escolas (ou Núcleos Escolares do 1º Ciclo) e a Escola EB 2 - 3 Gaspar Frutuoso deram origem à nova Escola Básica Integrada da Ribeira Grande, com direcção pedagógica e administrativa comum. A Comissão Executiva Instaladora, da qual



fazem parte docentes que anteriormente pertenciam à Área Escolar e à EB 2 - 3, é presidida pela Professora Conceição Vieira Simões.

A segunda razão deverá estar relacionada com o facto de se pretender dar realce às necessidades de inverter uma

situação de abandono escolar e de insucesso, na qual a Ribeira Grande está à frente na Região, tendo ultrapassado a situação de Rabo de Peixe, normalmente apontada como paradigma da desgraça.

Presente esteve também o Presidente da Câmara Municipal, na qualidade de Presidente do Conselho Local de Educação, que falou da repartição de competências nas obras de manutenção das Escolas entre o Governo Regional e as Câmaras Municipais.

O Secretário Regional salientou as dificuldades que os docentes têm pela frente, as carências que apresenta o parque escolar, o esforço que é necessário fazer hoje para assegurar um processo educativo que ultrapassa a simples frequência da escola. Desejou que o processo de junção dos níveis de ensino que vão desde o Jardim de Infância ao 9º ano de escolaridade, possa articular melhor as necessidades e racionalizar os meios.

Esta Escola tem cerca de 2 mil alunos, frequentando os anteriores edifícios que se situam nas cinco Freguesias e na antiga Escola 2 - 3 Gaspar Frutuoso, a que os menos informados continuam a chamar "preparatória".

Concerto da Orquestra Académica Metropolitana

A Ribeira Grande teve o privilégio de assistir na Igreja Matriz de N.ª S.ª da Estrela a um memorável Concerto, no dia 27 de Setembro.

A Orquestra Académica Metropolitana (OAM) deslocou-se a S. Miguel, tendo realizado um Concerto na Ribeira Grande e igualmente no Nordeste em Vila Franca do Campo.

A OAM é composta por jovens músicos que frequentam a Academia Nacional Superior de Música, que forma músicos profissionais quer na área de Instrumento, quer na de Direcção de Orquestra.

A Igreja Matriz encheu de um público que seguiu atentamente o Concerto, dirigido pelo Maestro



Nortadas

Acusações & Perguntas

'A Associação dos Bombeiros da Ribeira Grande é muitas vezes acusada de ter mais apoios do que as outras associações dos Açores.' (A.O., 11.07.2002, f.11)

À primeira vista tratar-se-á de um descarado privilégio. Observando com maior cuidado, porém, chegar-se-á, sem favores, à conclusão de que se tratará apenas de um caso de elementar justiça. Não é a Associação de Bombeiros Voluntários de Ribeira Grande a mais antiga corporação do arquipélago? Não é a mais prestigiada no arquipélago, no país e na Europa? Não estará longe de possuir todas as valências necessárias ao bom desempenho da sua missão? O seu quartel, ao contrário do de outros, ainda não está construído. O início das obras, mais uma vez por solidariedade regional, foi adiado para 2004. Por que razão, então, se há-de acusar a Associação de Bombeiros de Ribeira Grande e não se acusam as suas congéneres da Região? Será lícito e correcto afirmar que, no desconhecimento dos factos, qualquer acusação soará, na melhor das hipóteses, a preconceito e, na pior, a despeito? A ser privilégio, tratar-se-ia do primeiro que a Ribeira Grande usufrui em toda a História da Autonomia. E, neste caso, continuaria a ser um caso de elementar justiça. Não concordam?

A sina da rua das Dezasseis Pedras

Quando El-Rei D. Carlos I e D. Amélia visitaram há um século o arquipélago, a Comissão de Honra solicitou o empréstimo das dezasseis pedras epigrafadas que estão na origem da toponímia da rua da freguesia da Conceição, Cidade de Ribeira Grande, a fim de figurarem em Ponta Delgada

numa das exposições que foram então organizadas em honra de tão distinto casal. Estas dezasseis pedras, correspondem a outros tantos quadros da História dos Açores, do início do povoamento a finais do século XVIII, cujo texto é da autoria do Morgado Botelho. Sendo a terra, terra de *'anal-fabruptos militantes'*, por lá ficaram. Estão de 'pedra e cal' no claustro do Mosteiro de Santo André, sede do Museu Carlos Machado. Há um par de anos, quando rebocaram a casa onde se encontrava a placa toponímica da dita rua, a mesma foi removida. Até hoje!

Sina das fontes

Retirou-se da rua António Augusto da Mota Moniz, na freguesia da Matriz, que no ano passado tinha já sido aliviada do secular Moinho Novo, uma respeitável fonte pública, surgindo, em seu lugar, um pestilento caixote de lixo. Assim se defende e bem o nosso património.

Afinal, não tínhamos pitada de razão! I

António Pedro Rebelo Costa, PSD, Presidente da Câmara Municipal de Ribeira Grande, oferecia em nome do município o terreno para nele o Governo Regional instalar o Hotel-Escola, porém, o Governo achou por bem instalá-lo no Hotel de São Pedro, em Ponta Delgada. Estará mais perto dos hotéis, alegou (?); José Fernando Gomes, PSD, Presidente da Câmara Municipal de Praia da Vitória, oferece o terreno para a instalação do novo Hospital da ilha Terceira de Jesus, o Governo Regional decidiu instalá-lo em Angra do Heroísmo. Nesta última, estará a 10 quilómetros para 57% da população, ao passo que na primeira estaria a mais de 10

quilómetros para c. de 70% da população, alegou Sérgio Ávila, pressuroso adolescente Delfim de César; Martins Mota, o laico cardeal Richelieu do aparelho rosa, Presidente da Câmara Municipal de Lagoa, ofereceu os terrenos para a instalação do Parque Tecnológico, o Governo Regional aceitou. Ficará equidistante das Cidades de Ribeira Grande e de Ponta Delgada. A Câmara das Velas, PSD, oferece terreno para o novo Centro de Saúde de São Jorge, o Governo Regional irá instalá-lo nas Calhetas, também PSD. Registe-se que esta última e a de Nordeste, apesar de serem do PSD, são apontadas pelo Governo Regional como exemplo de boa e proveitosa *colaboração*, o que já foi desmentido apressadamente pelo representante da última. Afinal, confirma-se: além da inexistência de critérios tripolares, não existem favores partidários. Só boa e rigorosa administração.

Continuamos a não ter razão II

Ao enumerar pesaroso na TV de Ponta Delgada as obras que serão sacrificadas no orçamento para 2003, onde se inclui o adiamento da construção do novo *estaminé* dos nossos Voluntários, Carlos César classificou a acção maléfica do governo Portas & Durão como 'Estranha justiça, estranha solidariedade' (Diário dos Açores, 4.04.2002, fl. 3). Vejamos mais de perto: o Governo Regional anunciou enlutado o adiamento do início da construção, a expensas do erário público regional, de uma Escola Profissional na Cidade da Horta, ou da remodelação da mesma, o que vai dar tudo ao mesmo, sucede que a Ribeira Grande tem a sua unicamente a expensas do erário público municipal. Anunciou o mesmo para o início das obras de protecção da orla marítima da Vila das Lages do Pico, sucede que a Cidade de Ribeira Grande terá de concretizar este sonho de gerações unicamente a expensas da autarquia. 'Estranha justiça, estranha solidariedade', a que existe dentro de

portas: uns são filhos, outros enteados!

Vamos ver se percebemos

O comércio não deve, e muito bem, ser prejudicado, por isso o trânsito pesado que circula pela ponte dos Oito Arcos não pode, como estava previsto para Outubro transacto, intenção contrariada pela última Assembleia Municipal, ser transferido para a rua Direita; por seu turno, a ponte dos Oito Arcos não pode ser prejudicada, por isso o trânsito pesado que aí circula não poderá continuar a circular nela. A 2.ª Fase da Circular à Cidade, única hipótese viável de retirar o trânsito daquela secular ponte construída para bestas e outras alimárias de quatro patas, se tudo correr bem, caso as podas orçamentais não atinjam proporções calamitosas, só estará concluída, na melhor das hipóteses, em vésperas das próximas regionais. Será que alguém se responsabiliza por algo, queira o bom Deus que não, de funesto que possa entretanto ocorrer? Quem te avisa, teu amigo é! Lá diz o ladino Zé Povo, de manguito engatilhado e bochecha avinhada.

O descasque das coisas

Que tinta-prodígio estarão a utilizar na fachada da igreja de Nossa Senhora de Guadalupe, vulgo frades, de São Francisco, dos Terceiros ou do Hospital, agora Centro de Saúde, que mal é aplicada logo descasca? São muitos os invejosos que, desejosos de encomendarem do mesmo lote, pretendem conhecer o paradeiro do seu fornecedor. É que, dizem, evita despesas futuras. Basta aplicar de novo. Até uma criança de chupeta o fará. Uma limpeza e um divertimento!

Cidade sem carros, cidade dos cidadãos

Apesar de um ou outro *incómodo*, próprio da estação calmosa, o gesto

simbólico calou bem fundo no coração do indignato local, gesto aliás sugerido no n.º 6 d'A Estrela Oriental. Dois alvires, porém. Um: para a resolução dos problemas quotidianos, procurem seguir o exemplo de Santana Lopes, mediático soba da Capital. Outro: por que não promover naquele dia um novo Dia do Comércio? Já agora por que não um Dia das Montras a sério? Assim se faz uma Cidade a valer. Diz-se. Certos que não cairão os alvires *em saco roto*, desde já penhoradamente agradecemos.

Teatro de luxo!

O Teatro Ribeiragrandense, ao contrário do que algumas *cabecinhas despeitadas* arrotam pelos cafés e esquinas da urbe, foi obra de visão de António Pedro Costa. Bastaria citar duas das suas últimas realizações: a peça do Amphi Teatrum e um espectáculo de Jazz. Para não falar da vida do dia à dia daquele espaço: conferências, aulas de música, um jornal, o nosso, etc.. Parabéns e muito obrigado do fundo do coração! Não se pode é *dormir à sombra da bananeira!*

Sinais em leilão

A autarquia torna público a realização de leilão dos sinais de trânsito que iriam orientar o trânsito na frustrada mudança do sentido do mesmo no interior da malha urbana da Cidade de Ribeira Grande. Estão novos em folha. Cada lote será agrupado em conjuntos de sinais do mesmo género, por exemplo: sinais de marcha atrás, para um lado, os de marcha à frente, para outro, e assim por diante.

Galeria de Presidentes: Parabéns

Quem honra o passado, honra o presente e constrói o futuro. Parabéns à autarquia pela feliz iniciativa.

titular Jean-Marc Burfin. O Maestro começou por "apresentar" cada um dos instrumentos que compõem a Orquestra, de uma forma simples e com a intervenção de cada instrumentista, que tocou um pequeno excerto de uma peça, dando uma nota didáctica a essa apresentação.

A primeira parte foi preenchida pelo "Concerto para Violino e Orquestra em Ré menor, op. 47" de Jean Sibelius. Foi solista, ao violino, Rodolfo Botelho Vieira, natural da Ribeira Grande, que completou no passado mês de Julho o 3º ano (bacharelato) do curso de violino na Academia Nacional Superior de Orquestra.

Foi com emoção que a assistência acompanhou esta primeira parte, ocasião que vai ser rara, porque não haverá muitas possibilidades de deslocar a S. Miguel uma Orquestra Sinfónica, tendo como solista Rodolfo Vieira.

O nosso jovem conterrâneo iniciou a sua formação musical com seu avô materno e frequentou a Academia de Música da Ribeira Grande e o Conservatório Regional de Ponta Delgada. Este ano obteve o 2º lugar no "Prémio Jovens Músicos", nível Superior de violino, no concurso realizado pela RDP.

Foi evidente a simpatia que os cerca de cem jovens instrumentistas têm pelo Rodolfo Vieira e a consideração que o Maestro igualmente manifestou. Apenas com 40 anos de idade, o Maestro francês tem um apreciável currículo, tendo dirigido entre outras a Orquestra de Paris, a Orquestra Sinfónica da Europa e foi laureado no Concurso Internacional de Jovens Directores de Orquestra de Besançon, em 1991.

A Segunda parte foi preenchida pela "Sinfonia n.º 5 em Mi menor, op. 64" de Tchaikovsky. Saliente-se o interesse com que o público, na sua maior parte da Ribeira Grande, acompanhou este Concerto.

O agradecimento feito pelo Director da Academia de Música da Ribeira Grande, prof. Manuel Francisco Aguiar, ilustrou a vontade de todos os presentes de prestar o seu reconhecimento ao Rodolfo Vieira, à Orquestra e ao Maestro pelo notável Concerto que proporcionaram e a justíssima homenagem ao Rodolfo Vieira, com os desejos de uma carreira que se prevê cheia de êxitos.

"Imagens"

pelo Amphitheatrum

Em Setembro e durante uma semana realizou-se um curso de formação de Teatro, dirigido pelo actor António Terra, com a participação de actores do Grupo "Amphitheatrum".

António Terra nasceu no Brasil, trabalhando presentemente em Lisboa, dando formação a grupos de teatro e grupos informais.

Como resultado deste trabalho, foi estreado em 13 de Setembro o espectáculo "Imagens".

Surpreendente como num espaço de tempo tão curto foi possível montar uma representação com o nível que foi apresentada. Tal fica a dever-se ao rigor posto na encenação, no empenho dos actores e de todos os que colaboraram nos aspectos técnicos.

A movimentação, a expressão e a dicção, foram pormenores muito bem trabalhados pelos actores, que sentiram muito bem os textos, para além da mera representação.

O espectáculo resultou muito belo, dando razão ao título de "Imagens", pela luz, pela caracterização dos actores,

pelos adereços, pela música e pelo ritmo de todo o conjunto.

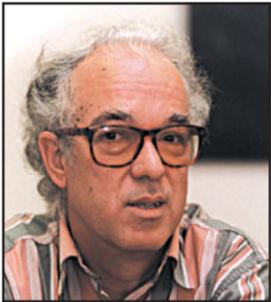
O grupo fez mais duas representações e espera-se que possa levar este espectáculo a outras salas.

Em Outubro realizou-se novo curso de dez horas, orientado por António Terra, destinado a elementos de outros grupos, que decerto aproveitarão a formação recebida.



Crónica mal-humorada

Certo no lugar errado



Cristóvão Colombo não sabia Geografia. Teimava que a Índia era mais perto por Ocidente, embicou a *Niña*, a *Pinta* e a *Santa Maria* sempre na direcção do sol poente, e acabou por dar de caras com a ilha Quisqueya, que baptizou de Espanhola e que agora se chama São Domingos. Morreu convencido de que chegara à Ásia. Ganhava pouco com o achado e menos ainda com a sua errada convicção, mas ficou mais famoso do que Bartolomeu Dias, Vasco da Gama ou Pêro de Alenquer, que foi piloto dos dois e, portanto, o verdadeiro descobridor do caminho marítimo para a Índia.

Percival Lowell notou anomalias nas órbitas de Neptuno e de Úrano, e tirou a conclusão de que as mesmas seriam provocadas pela presença de um planeta ainda desconhecido. Já depois da sua morte, descobriu-se um calhau longínquo a que foi dado o nome de Plutão, e que só é considerado planeta por respeito aos americanos, por ser o único descoberto por eles. O engano que deu certo nesta história é que as ditas anomalias resultaram de erros de cálculo e não de interferências de Plutão, porque o coitado não tem força para tanto. Curiosamente, o próprio Úrano fora avistado a primeira vez por Herschel, que julgou estar a ver um cometa...

O miolos de pão do Dr. Alexandre Fleming, que criaram bolor, não estavam no sítio certo, porque ou ele não devia ter comido ali ou a gaveta já deveria ter sido limpa, mas foi a partir desse bolor que se criou a penicilina.

Desde a electricidade ao forno de micro-ondas, o nosso mundo está cheio de coisas que deram certo por estarem no sítio errado, e de acções importantes feitas por quem não parecia ser o homem certo no lugar certo. O mais famoso da actualidade talvez seja o Jardel, que aparentemente poucas vezes está onde deve, mas é para lá que a bola vai. E que falta fez ao Sporting a sua presença no lugar errado!...

Na edição de Outubro deste jornal, o bom do Dr. Sampaio refere a maneira como escreveu e publicou dois livros. Eu apenas tive a sorte de estar no Café Central na hora certa, e de ele confiar em mim por causa de uma amizade que tem quase a minha idade. Os seus livros têm a importância de documentos imprescindíveis para a história da Medicina em S. Miguel e, além disso, estão cheios de bom humor e escritos num Português com muita dignidade. Dos meus amigos que os leram, não houve nenhum que não se deliciasse. Por isso eu gostava que a história que vou contar se houvesse passado com o Dr. Sampaio, porque lhe teria permitido mais um capítulo excelente. Imaginem o que ele faria com ela!

Apresentaram-se no consultório de um médico meu amigo duas senhoras, mãe e filha. A consulta era apenas para saber se a mãe tinha saúde bastante para fazer uma viagem ao Canadá. A única queixa da senhora eram umas dores de cabeça totalmente aleatórias. Não tinham hora certa de aparecer, nem de manhã, nem ao meio-dia, nem à noite. Não resultavam da fome nem da barriga cheia. "Então quando são?" perguntou o médico. E a senhora respondeu com a maior seriedade deste mundo, sem qualquer intenção de fazer humor nem tão-pouco ironizar. Era sempre algum tempo depois de ela ir à falsa e bater com a cabeça numa trave que lá havia.

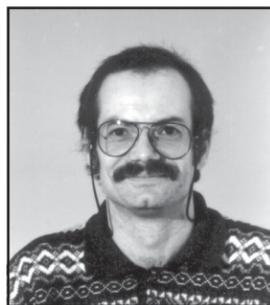
Se podia ir ao Canadá, apesar daquelas dores de cabeça? O ilustre clínico, que tem bom sentido de humor, disse que sim, que quanto mais longe daquela trave melhor.

A trave, como facilmente se percebe, estaria no sítio certo. A cabeça da senhora é que nem sempre. O pior é que não faltam por aí cabeças que o não estão, mas convencidas de que as dos outros é que andam erradas.

Daniel de Sá

A Losna

Plantas usadas na medicina popular (17)



Planta muito usada desde a antiguidade em virtude das suas propriedades medicinais.

Na Sagrada Escritura, devido ao seu desagradável sabor, a losna é usada como símbolo "das dificuldades e tristezas da vida".

O seu uso não pode ser prolongado, pois a losna possui um óleo que, usado em doses elevadas, provoca graves intoxicações...

Família- Asteraceae

Nome científico- *Artemisia absinthium* L.

Identificação- Planta vivaz, que pode viver 10 anos, apresenta um caule verde- prateado e erecto. As suas folhas são cinzento- esverdeadas na página superior e brancas na inferior e as suas flores são amarelas.

Utilização- O médico Oliveira Feijão, na sua obra Medicina pelas Plantas, menciona o uso das suas folhas e sumidades floridas como "tónicas, aperitivas, estimulantes, digestivas, febrífugas, diuréticas e emenagogas.

O eng Silvano Pereira, num artigo intitulado "Plantas empregadas na medicina Popular nas ilhas dos Açores", publicado em 1953, refere-se ao facto da planta ser cultivada bastante rara e da mesma possuir propriedades estimulantes e aperitivas.

Num inquérito que efectuámos no final da década de 80 do século passado, a losna era mencionada por vários dos inquiridos, em diferentes concelhos da ilha de São Miguel, sendo utilizada essencialmente para combater as dores de estômago e intestinos.

Teófilo Braga

Contraste +



Trabalho e descanso

Estrela caída



Modelo

Custa Pouco
Viver Melhor

Ponta Delgada - Horta - Angra do Heroísmo - Praia da Vitória - Ribeira Grande



Coordenação: Filomena Moura, Gisela Correia e Carina Sousa

Editorial

Cá estamos nós outra vez!!! O mês de Novembro reserva-nos surpresas agradáveis.... Sabes? No primeiro dia deste mesmo mês comemora-se o dia de Todos os Santos, no qual, habitualmente, costumámos visitar os nossos parentes e amigos que já partiram desta vida e levar-lhes flores para enfeitar as suas campas. Também neste dia é tradição as crianças saírem à rua, batendo de porta em porta, pedindo pão por Deus. As pessoas costumam oferecer os frutos da época: castanhas, milho cozido,... e há quem ofereça guloseimas!!! E tu? Também saís à rua neste dia? Se nunca o fizeste, experimenta este ano com os teus amigos e vais ver que te vais divertir imenso!!! A 11 de Novembro comemora-se o dia de S. Martinho. Este santo é famoso pela sua generosidade! Aproveita e comemora o dia de S. Martinho com a tua família!!! Diverte-te... Até à próxima!!!

Lenda do Verão de São Martinho

“Num dia tempestuoso ia S. Martinho, valoroso soldado, montado no seu cavalo, quando viu um mendigo quase nu, tremendo de frio, que lhe estendia a mão suplicante e gelada.

S. Martinho não hesitou: parou o cavalo, poisou a sua mão carinhosamente na do pobre e, em seguida, com a espada cortou ao meio a sua capa de militar, dando metade ao mendigo.

E, apesar de mal agasalhado e de chover torrencialmente, preparava-se para continuar o seu caminho, cheio de felicidade.

Mas, subitamente, a tempestade desfez-se, o céu ficou límpido e um sol de Estio inundou a terra de luz e calor.

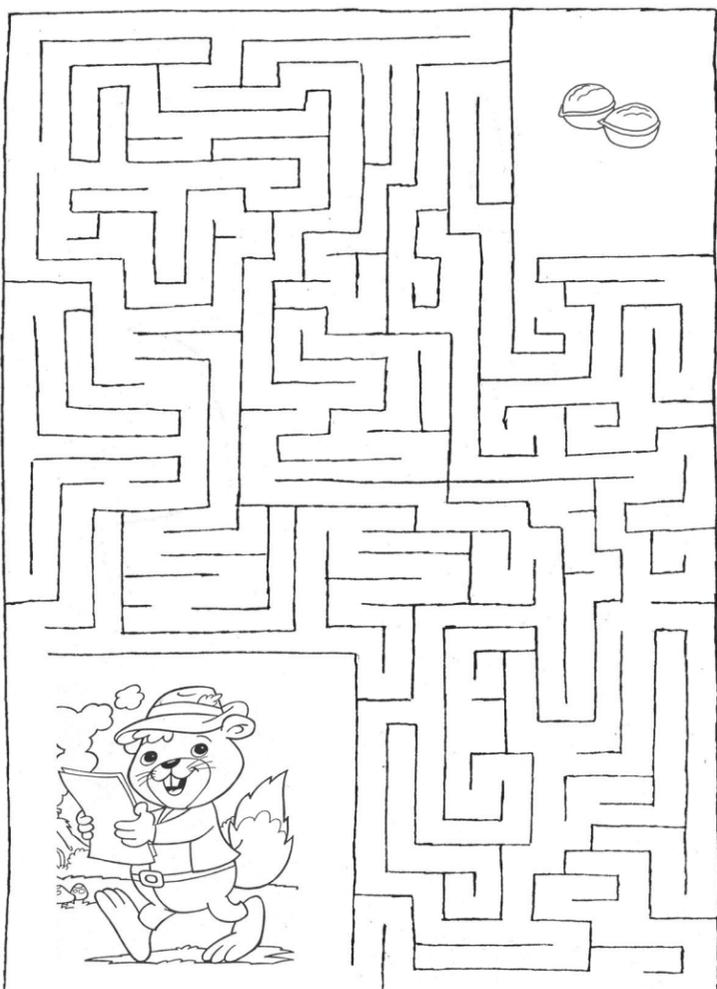
Diz-se que Deus, para que não se apagasse da memória dos homens o acto de bondade praticado pelo santo, todos os anos, nessa mesma época, cessa por alguns dias o tempo frio e o céu e a terra sorriem com a bênção dum sol quente e milagroso. ”



Lenda tradicional, recolhida por Fernando Cardoso

Labirinto

Ajuda o esquilo a encontrar as nozes



Palavras cruzadas

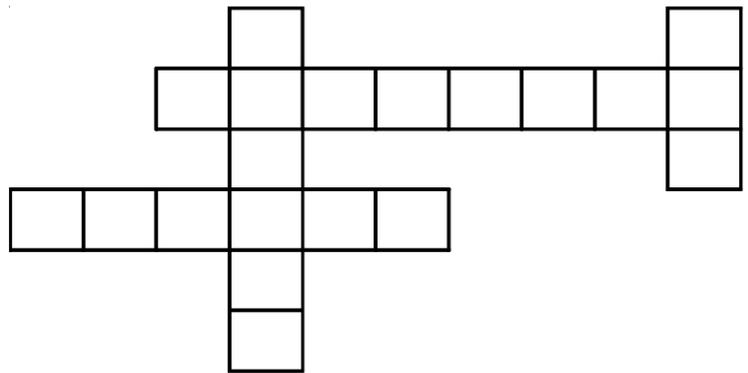
Resolve este passatempo que está relacionado com a Lenda do Verão de São Martinho

Horizontais:

- 1 - nome de uma das personagens do texto;
- 2 - Arma que o santo utilizou para cortar a sua capa;

Verticais:

- 1 - Animal referido no texto;
- 2 - Estado do tempo que costuma fazer no Verão de S. Martinho.



Adivinha:

Tenho camisa e casaco
Sem remendo e sem buraco
Estouiro como um foguete
Se alguém no lume me mete.

A minha selecção Manuel Câmara Freire, quarto defesa

Para os últimos cinquenta anos uma das grandes referências futebolísticas da Ribeira Grande passa, necessariamente, por Manuel da Câmara Freire: o Manuel *Rita*. No mundo do futebol, se alguém houve que deixasse

fora inaugurado em 1951. *Rita* calçou as primeiras botas de futebolista quando começou a jogar futebol a sério. Foi no *Ideal*, aí para o meado dos anos sessenta, situação que faz lembrar Eusébio, símbolo do glorioso

de Futebol de Ponta Delgada, o *Benfica Águia* só subiu ao escalão maior do futebol micalense naquela última época.

Atlético de Portugal e Sport Lisboa e Benfica: carreira perdida?

Em 1972, tentou a sorte no *Atlético Clube de Portugal*, a militar na I Divisão Portuguesa. 'Fui convidado pelo Henrique Ben David. Na altura treinava o *Santa Clara*. Conhecia-me, por ser jogador do *Benfica Águia*'. A experiência, simplesmente, durou 19 dias. No entanto, até teve a oportunidade de vir a ser contratado pelo *Sport Lisboa e Benfica*. 'Estava no *Atlético*, quando o Fernando Cabrita, treinador do *Benfica*, veio ter comigo para fazer um contrato. Digo que não fui habituado a enfrentar essas situações. Estava acostumado a trabalhar. Vi que não ia gostar muito daquela vida. Estava casado de novo. Queria estar com a minha esposa. Não queria o rigor do profissionalismo. Preferia jogar mais despreocupado, garantindo a minha sobrevivência com o ordenado da minha profissão. Tive oportunidades. Isso não posso negar'. No *Atlético*, como ponta de lança, chegou a defrontar o *Casa Pia*. Foi colega do Baltazar, que foi jogador do *Sporting Clube de Portugal*. O treinador era o Ted Smith, já falecido, que morou nos Moinhos, freguesia do Porto Formoso, Concelho de Ribeira Grande, tendo aqui chegado a treinar a equipa da casa. Em setenta, *Rita* ainda jogou no *Oriental de Galt* [1972] e no *Vasco da Gama* [1978] de Hamilton, Canadá. Experiências passageiras, já que São Miguel, a família e o seu *Benfica Águia* sempre foram mais 'fortes'.

Entre o Ideal e o Águia

De 1979 a 1983, ingressou no *Sporting Clube Ideal*. Aqui surge como jogador pago com benesses monetárias. 'O meu primeiro dinheiro, na Ilha de São Miguel, foi como jogador do *Ideal*', recorda. De imediato, haveria de ser novamente jogador do *Benfica Águia*, regressando, uma vez mais, ao *Ideal*. Fez parte do elenco de jogadores que formaram a equipa do *Águia* que disputou o Campeonato do III Divisão, Série E, na temporada de 1983-84, tendo sido o Capitão da equipa. No *Águia* e no *Ideal* foi campeão de São Miguel, respectivamente, nas temporadas de 1986-87 e 1988-89, ambas sob a alçada do treinador Abílio Baptista. Termina a sua carreira de atleta, aí para inícios de noventa, num *Benfica Águia* parente pobre de um Campeonato de II Divisão da Ilha de São Miguel. Porém, não descansou o pé, já que integrou uma equipa de Veteranos ribeiragrandenses e outras ao nível do futebol de Salão, nomeadamente a da Câmara Municipal de Ribeira Grande.

1979 e uma suposta curandeira

Dia 4 de Março de 1979, o *Águia* fora fazer um jogo com a equipa do *Vasco da Gama*, de Vila Franca do Campo. Era dia da Procissão dos Terceiros na Vila ribeiragrandense. Procissão quaresmal. No regresso à Ribeira Grande, um pouco antes de iniciar a subida do Pisão [sentido Vila Franca - Águia

de Pau], o autocarro tombou sobre a rocha. Imagine-se o caos. Resultado: um morto, o pai do guarda-redes Durval. Sequelas físicas foram muitas. *Rita* foi internado com traumatismos vários. Diz que ainda hoje se queixa de problemas na coluna vertebral. Um dia negro para o glorioso do Norte da Ilha de São Miguel. Por outro lado, e em tom de brincadeira, Manuel *Rita* recorda que o *Benfica Águia* da III Divisão [1983-84] foi muito irregular, ora ganhava ora perdia. 'Não acertava o passo', afirma. Então alguém lhe pediu que trouxesse um pouco de terra do Campo Municipal de Ribeira Grande para ir à curandeira tentar arranjar uma solução para o problema. 'O campo parecia estar com quebranto', lembra *Rita*. Nunca trouxe a terra, mas *Rita* não esquece essa tentativa de salvar a todo o custo a equipa, a qual, na temporada imediata, infelizmente, desceu ao então Regional.

Símbolo a reter

Ainda jovem, como jogador do *Benfica Águia*, participou num jogo de homenagem ao Vicente, do *Belenenses*, conta-se que era o temível do Pelé. Em setenta, ajudou a fazer



a recepção ao *Benfica* no *Café Central*, ali mesmo ao lado do renovado e activo *Teatro Ribeiragrandense*. Na inauguração do Estádio Distrital de Ponta Delgada integrou a Selecção de Capitães de Equipas da Ilha de São Miguel, onde, entre eles, se encontrava o Manuel Barbeiro, do *Sporting Clube Ideal* [Abril, 1976], a qual ajudou a abrihntar o evento. Inclusive, chegou a representar o futebol da Ilha de São Miguel numa das deslocações do ex-Primeiro Ministro Professor Doutor Cavaco Silva à Ilha de São Miguel. Todavia, o seu currículo mede-se, acima de tudo pelas grandes capacidades, física, técnica e tática, que sempre revelou; pelo modelo de jogador humilde, sereno e lutador que mostrou ser; enfim, pela marca - eis o símbolo - que deixou junto de adeptos e das comunidades ribeiragrandense, micalense e açoreana. Quem, das gerações de sessenta e setenta, não foi ao futebol para ir ver o *Rita*, o Costa Pedro e até mesmo o Mariano Frade, conhecido por *Canudo*?

Nota: João Correia, ex-jogador do *Sporting Clube Ideal*, um natural de Ribeira Grande, no Jornal ribeiragrandense *Ecos do Norte*, 28.02.87, traçou de modo excelente o perfil do atleta Manuel Rita. A sua leitura foi-nos preciosa.

Hermano Teodoro



marca pela suas capacidades física, técnica e tática, foi o *Rita*; se alguém houve que se tornasse o excelso símbolo de um Clube, o glorioso *Benfica Águia*, congregando, durante quase três décadas, uma massa associativa, e, por arrasto, uma comunidade, foi o Manuel *Rita*; finalmente, se alguém houve que preferiu a Ribeira Grande ao mundo da ribalta desportiva, com todas as suas oportunidades e baixos azares, foi o *Rita*. Como futebolista, Manuel *Rita*, chegou a ser forte *ponta de lança*. Saltou para o *meio campo* e, acima de tudo, para *quatro defesas*. Porém, sempre gostou de subir no terreno, diz ele, que para marcar golos. E diga-se que foram muitos e bem feitos!

Benfica Águia e o primo José Pataco

Ei-lo a nascer, em 1948, numa Ribeira Grande dividida entre uma orla de pobres e uma Rua Direita de ricos. Em criança, entusiasmado pelo futebol, começou a jogar à bola, descalço, em íngremes lugares: no Areal, conhecido por Monte Verde; no sítio do Curral, ali para os lados do *Alabote Bar*; e num pequeno campo junto do antigo Mercado do Gado, no local do ainda hoje primeiro Pavilhão Desportivo que a Vila da Ribeira Grande teve. Fartou-se de esfolar os pés nesses terreiros que aglutinavam uma criançada aguerrida. Já não é do tempo do *Campo das Rezes*, já que o Campo Municipal

de Lisboa, que bem poderia ter ingressado nas hostes sportinguistas. 'Vinha para casa depois de um treino do *Ideal*. Na Rua Direita, o meu primo José Pataco disse-me que eu deveria ir jogar para o *Benfica Águia*. Para ser sincero era daquela cor que eu gostava. É tanto que sou um benquista e muito admirador do Eusébio'. Nesse *Benfica Águia* treinava duas vezes por semana. Chegou a treinar de manhã cedo, ainda antes de iniciar o dia de trabalho. 'Durante o Inverno, de tarde, não era possível treinar. Às vezes, era eu já Funcionário da Câmara Municipal, vinha do *Campo da Bola* a correr para a Tondela carregar cestos às costas. Tinha de estar no serviço às 8:00 horas. [Trabalho duro. Hoje, na mesma Autarquia, desempenha a função de maquinista]. Mais para o Verão é que se treinava da parte de tarde. Sou do tempo em que o Campo tinha erva e era vedado com barrotes'. Entre 1965 e 1979, foi jogador do glorioso da Ribeira Grande. Não chegou a integrar equipas de escalão júnior, já que ao tempo, não as havia. Vem do tempo dos *Campeonatos Populares*, vulgo de 'futebol rural', classificação deveras estranha. Haveria de se sagrar campeão do IV Campeonato Popular, o da temporada 1968-69, e, com rotundo auge, de dois da II Divisão Distrital, nos anos de 1970 e de 1971. Curiosamente, devido a interpretações estatutárias no seio da Associação



HERDEIROS DE AGOSTINHO FERREIRA MEDEIROS, LDA

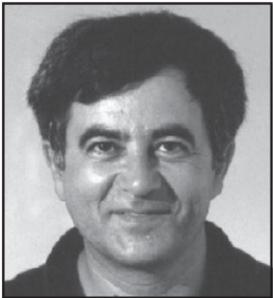
OBRAS PÚBLICAS - CONSTRUÇÃO CIVIL

Central de Britagem >> Fábrica de Blocos e Vigas >> Materiais de Construção >> Serração de Basalto >> Granitos

Estrada Regional, Nº 3/1ª Km. 10 Boqueirões - 9600 Ribeira Grande - Tel. 296 490 160 - Fax 296 490 167



A nossa rotunda... ...é melhor que a do vizinho



Qualquer vila que se preze tem uma rotunda. Para ser diferente, inventaram o repuxo, o

tanque de água com luzes de todas as cores.

Para ser melhor, acrescentaram o esguicho, o repuxo que sai de jacto a que chamaram “géiser”.

Sinal de autarquia “nova rica”, com todos os problemas de saneamento, de abastecimento de água resolvidos? Sintoma de eleitoralismo, necessidade de mostrar obra feita, com algo vistoso, porque fica patente a toda a gente que entra e sai do burgo?

Deduz-se que não deve haver já problemas de habitação, de circulação e de transportes, os lixos devem ser bem recolhidos, seleccionados, tratados, reciclados, reaproveitados, as águas deixaram de estar poluídas.



Ainda bem que à nossa cidade e Concelho não chegou esta “febre”. As rotundas que temos são **mais bonitas** e com uma grande vantagem: são **muito mais baratas**.

Basta arranjar-las com umas plantas com flores coloridas, colocar-lhes uma iluminação conveniente e ficam enquadradas na paisagem.



É preferível que os separadores centrais das estradas fiquem com

terra, do que cimentar e pintar de verde... como se vê no Continente e também cá! No nosso clima rapidamente se enchem de plantas. Mas tem de haver cuidado para cuidá-los, bem como das bermas das estradas e das rotundas, o que tem acontecido.

O espaço urbano precisa de plantas

Pelo contrário, nas ruas da cidade e nas restantes Freguesias do Concelho, não tem havido o cuidado de demarcar espaços para a plantação de árvores ou simples canteiros ajardinados.

Quando isso acontece, na maioria das vezes as espécies que aí são colocadas não resistem às intempéries, ou ao vandalismo.



As espécies exóticas são plantas que são originárias de outras Regiões e adaptadas a outros climas. Muitas delas não aguentam o rocío do mar, ou a ventania. Insiste-se na plantação de **palmeiras**, que são características de **climas tropicais**. Mesmo que se adaptassem aos locais onde teimam colocá-las, transformariam a nossa paisagem natural e urbana, subvertendo-a.

Outras espécies introduzidas criaram problemas mais graves, como o incenso, o “gigante” e a conteira. Onde crescem tornam-se dominantes e não deixam crescer as outras.

A hortênsia, a azálea ou a iúca adaptaram-se de tal modo que se tornaram emblemáticas da Região. São espécies impor-



tadas que ladeiam as nossas estradas e caminhos. Dão colorido à paisagem, não constituem perigo de se tornarem exclusivas e não precisam de grandes cuidados, porque se propagam com muita facilidade.

No entanto, é lamentável que se tenham tornado símbolos da nossa paisagem...

Porque na nossa Região existiam, à data da sua descoberta, plantas que não existiam já nos Continentes e outras que se desenvolveram de forma diversa, adaptando-se às características do meio.

As espécies que existem apenas numa Região e em nenhuma outra parte do Mundo, são **plantas endémicas**. Algumas são comuns com a Madeira, ou também com as Canárias ou ainda com Cabo Verde. Estes Arquipélagos constituem uma Região Atlântica chamada Macaronésia, onde certas espécies de plantas evoluíram de forma semelhante.



A **vidália** é uma espécie endémica dos Açores. Dada a sua beleza poderia ser a **espécie emblemática dos Açores**. Cresce nos espaços rochosos da beira-mar, encontrando-se em grande número na Ilha do Pico, devido à sua característica rochosa embora se encontre com facilidade nas outras ilhas.

As flores depois de secas dão origem a cápsulas cheias de pequenas e numerosas sementes. O ideal para a sua propagação é sobre cascalho ou areia, desde que seja bem drenado. A planta não se desenvolve em terreno húmido.

A sua propagação não é difícil, desde que conheçam as suas características.

Dada a sua originalidade chegou a ser exportada para jardins ingleses.



Seria interessante ver vidálias nas nossas rotundas, onde seria prático colocar pedra e cascalho e daria uma imagem muito mais original.

Na Ilha Terceira, um engenheiro agrónomo, cujo nome não fixámos, teve a iniciativa de criar viveiros de plantas endémicas, para serem plantadas nas bermas das estradas. Esta ideia deve ser acarinhada e apoiada. A Madeira tem uma grande extensão no interior da Ilha que foi classificada como Património da Humanidade. É a zona de **floresta de Laurissilva**, onde persistem as plantas endémicas.



O interior das nossas ilhas está, pelo contrário, muito devassado e a floresta de laurissilva resume-se a pequenas bolsas.

Seria interessante que os serviços oficiais e as empresas que negociam em plantas se dedicassem ao estudo e propagação das endémicas, contribuindo para que elas possam entrar finalmente nos nossos espaços ajardinados, incluindo as bermas e rotundas...

Luís Noronha



Óleos

20% Desconto

e ainda
oferta da mudança de óleo

Nos seguinte produtos:

VISCO 2000

VISCO 3000

VISCO 7000

Melo & Melo

Promoções

Pneus

P a g u e 3 l e v e 4

e ainda oferta da montagem e calibragem
para ligeiros com jantes 13 e 14 (válido até ruptura do stock)

MELO & MELO, LDA - Centro de Pneus

Todas as marcas de Pneus novos e recauchutados

ESTAÇÃO DE SERVIÇO *SELF - SERVE - LAVAGEM AUTOMÁTICA



Estrada Regional da Ribeira Grande - Telef. 296.472460 - Fax. 296.477400

Nota sobre a inauguração da luz eléctrica na Ribeira Grande

A 28 de Setembro de 1902, a vila da Ribeira Grande vive um dos momentos mais memoráveis da sua história, mais significativo certamente do que a visita régia do ano anterior, visto tratar-se de um acontecimento que, a longo prazo, irá modificar profundamente a vida dos seus habitantes. Refiro-me à instalação da electricidade, forma de energia que, no romper do século XX, representa o supra-sumo da modernidade e começa apenas a ser experimentada nos países mais avançados da Europa e da América.

É por iniciativa do Eng.º José Cordeiro, genuíno representante de um protestantismo militante e empreendedor então emergente na freguesia dos Arrifes, recém-formado pela Escola de Pontes e Calçadas de Paris e regressado à sua ilha cheio de projectos inovadores, que a Ilha de S. Miguel será, em Portugal, pioneira na introdução da electricidade e albergará a primeira central eléctrica portuguesa, erigida na Praia, Vila Franca, em 1900. Curiosamente, não é Ponta Delgada que patrocina a sua iniciativa. Eugénio Vaz Pacheco de Castro, nas páginas do seu combativo jornal *O Localista*, denuncia o conservadorismo dos «cabeleiras», que dominam a Câmara de Ponta Delgada e que se opõem aos sonhos – quanto a eles irrealistas – do Eng.º Cordeiro. Facto é que, tendo investido muito recentemente na substituição da iluminação a petróleo pela iluminação a gás, não é com facilidade que a capital micalense aderirá a uma nova forma

os seus planos. Depois de obtida a anuência de Vila Franca, apresenta em 1897 à Câmara da Ribeira Grande um projecto de contrato no qual afirma que cada bico de luz eléctrica custará ao consumidor apenas vinte reis por dia e em que calcula que o montante da instalação ascenderá a um total de 30 contos de reis. Cumpre-nos lembrar ao leitor incauto, a quem esta soma poderá parecer irrisória, que, à data, o salário de um operário, mais elevado do que o de um trabalhador agrícola, raramente atingia os 600 reis diários. O jornal ribeirão *O Norte* publica na íntegra o projecto de contrato (6/7/1897) e, poucos dias depois, noticia que todas as propostas foram aceites pela Câmara, com uma única alteração: conservar a electricidade até de manhã e não apenas até às 2 h da madrugada, como proposto. Entretanto, a 18 de Março de 1900, Vila Franca inaugura com sucesso a sua luz eléctrica, o que encoraja os ribeirão-grandenses a prosseguir os seus esforços para lhe seguir as pisadas. Vive-se então o período eufórico, mas instável, em que a indústria do álcool se expande e passa a constituir a base da economia micalense. Multiplicam-se as destilarias (ou fábricas de álcool, como eram chamadas), e o grosso dos campos cultivados produz batata doce e milho para esta indústria. Alguns, de menor área, produzem tabaco e chá, também para fins industriais. Também a Ribeira Grande se junta a este impetuoso movimento para a industria-

Um pouco mais tarde, o Marquês da Praia, primeiro accionista da fábrica de álcool de S.ta Clara, Ponta Delgada, decide fundar a fábrica de álcool da Ribeira Grande e convida para a dirigir Frederico Augusto Serpa, condutor de obras e inspector de pesos e medidas, residente à Rua Direita de S. Francisco, Ribeira Grande (bisavô da autora deste artigo). Em 1901, os jornais noticiam que esta fábrica empreende a ampliação das suas instalações, ignorando as nuvens negras que se acumulam no horizonte.

Na verdade, está-se no limiar de um dos períodos mais dramáticos da história da nossa Ilha. A borrasca irá eclodir quando, em Outubro de 1901, os jornais noticiam que, em virtude das novas disposições tributárias impostas pelo governo central sediado em Lisboa, penalizando fortemente a importação de álcool açoriano, serão encerradas as fábricas de álcool micalenses – não só a de S.ta Clara, que será convertida à produção de açúcar de beterraba, mas também a da Lagoa e a da Ribeira Grande. Tinham vencido os interesses dos viticultores do Norte, apostados em importar álcool alemão em troca das suas exportações de Vinho do Porto. É o início de uma crise generalizada que se abate sobre a economia da Ilha e causará o êxodo maciço da sua população: entre 1902 e 1913, abandonam o Distrito de Ponta Delgada 43.250 pessoas.

No entanto, enquanto em Ponta Delgada se organizam comícios de protesto contra o encerramento das fábricas, à Ribeira Grande chegam várias carroças carregadas de materiais para a instalação da luz eléctrica, inicia-se a construção da central do Salto do Cabrito e as obras prosseguem sem desfalecimentos. Quase um ano depois, em Setembro de 1902, são dadas por concluídas e, a 21 deste mês, a *Gazeta Micalense* anuncia que no Domingo seguinte, 28, terá lugar a inauguração: «Para as festas que se promovem nesta ocasião estão tomados muitos carros nas cocheiras desta cidade», reza o dito periódico. A promessa é cumprida e é mais uma vez *O Norte* que, a 4 de Outubro, publica uma sugestiva reportagem do acontecimento. Dadas a vivacidade e a cor local que os caracterizam, alguns passos desta reportagem merecem ser transcritos:

«Efectuou-se no domingo último, pelas 7 1/2 horas da noite, a inauguração da iluminação pública: desta vila por meio da electricidade. Já no sábado começou a afluír à Vila



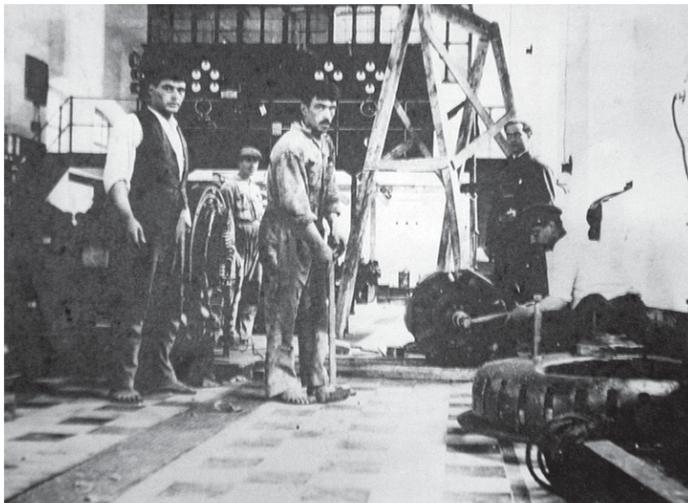
grande concorrência de visitantes, que aumentou no domingo, principalmente no resto da tarde, sendo inumeráveis os veículos que àquela hora chegavam de toda a parte. Não há memória de se verem reunidas aqui tantas famílias de Ponta Delgada.

Toda a rua direita da Vila estava embandeirada, assim como o jardim e largo fronteiro aos Paços municipais. Neste sítio havia grande número de lâmpadas eléctricas coroando uma linha de bandeiras e trofeus e muitos balões venezianos ornamdo a praça. A aglomeração de povo era tamanha no jardim, largo e ruas confinantes, que mal podiam romper os que se dirigiam para as salas da Câmara. (...) Na frente dos Paços haviam formado cinco bandas de música. O povo, cada vez mais numeroso e compacto, esperava, cheio de um sentimento de curiosidade, o momento designado para a transmissão da corrente eléctrica. Momentos antes da hora prefixa, faz-se um grande silêncio, cessa o borbório peculiar das grandes aglomerações. Todas as vistas se dirigem para os pontos onde estão as muitas linhas de lâmpadas. No instante em que o relógio ia bater as 7 1/2 h brilha um clarão. A luz, indecisa e avermelhada ainda, fixa-se, dilata-se, irradia intensa e claríssima meio segundo depois. Estruge no ar uma exclamação forte e prolongada. As cinco bandas executam, ao mesmo tempo, o hino nacional. Repicam os sinos nas torres das igrejas paroquiais. Estalam centenaes de foguetes. Toda esta enormíssima confusão de vozes e de sons comunica ao espírito da multidão um sentimento

novo, que se traduz num fervor, num entusiasmo, num frêmito só experimentados nas raras ocasiões dos grandes acontecimentos festivos. Desvanecida esta primeira comoção, desfilam as bandas, percorrendo a rua principal da Vila, acompanhadas de grandes massas de povo.»

Estava, pois, inaugurada a iluminação eléctrica na Ribeira Grande. Não tenhamos ilusões, porém: só os edifícios públicos, a rua principal e algumas casas abastadas seriam, de imediato, contempladas pela nova luz. O grosso da população da Vila e das freguesias circundantes teria de esperar até meados do século para ter acesso à electricidade e, até lá, continuaria a fazer serão à luz do candeeiro de petróleo ou da vela de estearina. Não será isto, contudo, que retirará o mérito ao empreendimento do Eng.º Cordeiro nem às vereações camarárias que tiveram a visão e a coragem de o patrocinar. Tal como o porto de Ponta Delgada, que começa a ser construído no apogeu do ciclo da laranja, a electricidade, cuja introdução coincide com o desmoronamento da indústria do álcool, é um bem que ultrapassa as limitações do contingente e transitório, e que perdura pelos séculos adentro, indo beneficiar um fluxo interminável de gerações futuras.

Sacuntala de Miranda



de iluminação, não obstante o deslumbramento com que fora observado o seu brilho, quando entrevisto pela primeira vez na ilha em 1883, a bordo do paquete *Funchal*. É nas câmaras de Vila Franca do Campo e da Ribeira Grande – esta última iluminada a petróleo desde 1877 – que José Cordeiro irá encontrar apoios para

lização, liderado por Ponta Delgada e Lagoa: já em 1881, o Inquérito industrial registava, na Ribeira Grande, 1 forno de cal, 1 fábrica de tabaco e 9 fábricas de telha – um total de 11 estabelecimentos industriais, num tecido económico fortemente dominado pelas oficinas artesanais e pela indústria caseira (sobretudo do linho).

NANA

MODE

- > Roupa de criança
- > Lingerie
- > Roupa de senhora
- > Sapataria
- > Peles

Rua Sousa e Silva n.º 16
Matriz - 9600 RIBEIRA GRANDE
Tel.: 296 474 563

Banda Filarmónica de No

Achegas para a sua história

Freguesia de Santa Bárbara

Com uma área de 12,73 Km² e uma população na ordem dos 1 264 habitantes, segundo os Censos de 2001, Santa Bárbara, é uma das catorze freguesias do Concelho de Ribeira Grande, a última a integrar a Cidade, com o mesmo nome, em Junho de 2002. Inicialmente, com o nome de 'lomba', dela já se fala há mais de quatrocentos anos. Foi Curato entre os anos de 1731 e 1959. Neste último, foi elevada à condição de paróquia, tendo sido a sua nova igreja, inaugurada em simultâneo com esse seu novo estatuto, refira-se que um bom exemplar de arquitectura religiosa contemporânea, dedicada à figura de Santa Bárbara, cuja sua Festa se comemora na paróquia, de um modo modesto, a 4 de Dezembro. De lugar integrado na freguesia de Ribeira Seca passou a usufruir do mesmo grau administrativo no ano de 1971, era então Padre da paróquia João Paulo Viveiros, que nela paroquiou largos anos, e Presidente da Câmara Municipal de Ribeira Grande o mariense Eng.º Fernando António Monteiro da Câmara Pereira. Presentemente, a sua população dedica-se à lavoura, agricultura, construção civil, comércio, restauração e administração pública. A freguesia de Santa Bárbara possui paisagens que oferecem boas panorâmicas sobre a Cidade de que faz parte. De referir, entre outras, aquela que se pode apreciar a partir do topo do Pico do Sapateiro, nome relacionado com a histórica crise sísmico-vulcânica dos anos de 1563-64, que afectou, grandemente, a então Vila da Ribeira Grande e, em pormenor, a freguesia de Ribeira Seca. Do ponto de vista sócio-cultural, Santa Bárbara é uma freguesia muito activa: possui Comissão Fabriqueira, Grupos de Teatro e de Coral, Clubes de Xadrez e de Futebol [de 5 e de 11], e uma Banda Filarmónica, a de Nossa Senhora das Vitórias, fundada em 1986. Com o presente registo pretende-se contribuir com algumas achegas para a história da Recreativa vitoriana. Os que por ela continuam a dar parte da sua vida para isso contribuíram. Sem eles tais achegas não teriam vida.

Sede Social e fardamento

A Filarmónica de Nossa Senhora das Vitórias tem a sua Sede na Rua da Igreja, antiga Rua Direita, da freguesia de Santa Bárbara, Concelho de Ribeira Grande. O edifício é pertença da Autarquia ribeiragrãndense, a qual, em 1924, adquiriu-o para nele se instalar uma escola para os 'dois sexos'. Depois da nova escola de Santa Bárbara, presentemente, do 1.º Ciclo do Ensino Básico, entrar em funcionamento, em Outubro de 1980, aquele imóvel teve várias utilidades sociais. A Sociedade Recreativa Filarmónica de Nossa Senhora das Vitórias passou a usar das suas actuais instalações a partir de 1986, ano da sua fundação. A Sede possui uma única sala [serve para ensaios da Filarmónica, para reuniões da Direcção e espaço para mostrário de trofeus] e um pequeno Bar, de nome *Millenium*. O seu rés-do-chão, que dá para a Rua Gabriel Raposo de Melo, antiga Rua da Banda d'Além, tem vindo a ser utilizado pelo Grupo Desportivo de Santa Bárbara. No seu alçado principal pode ler-se: 'Sociedade Filarmónica Nossa Senhora das Victórias, Fundada em 31.08.1986'. Fardamento: O fato e a gravata são em azul escuro, sobre uma camisa branca, enquanto os sapatos são pretos. O casaco possui cinco botões dourados com liras em saliência: três para fecho e dois nas extremidades de cada manga, estes acompanhados por um galão dourado. Em cada gola do casaco uma lira simples. Quando, unicamente, em camisa, sobre os seus ombros, são colocados galões dourados de alferes sobre um fundo azul escuro.

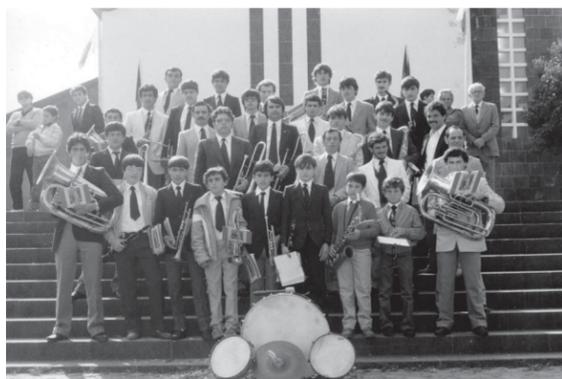
Fundadores da Filarmónica

O dia 31 de Agosto de 1986, aceite como data da fundação da Filarmónica de Nossa Senhora das Vitórias, diz unicamente respeito à sua primeira apresentação ao público da freguesia de Santa Bárbara em simultâneo com a sua entrega à patrona que lhe deu o nome: a Senhora das Vitórias. Imagem que se venera naquela freguesia e cuja sua Festa ocorre no último Domingo de Agosto. Porém, foi em 27 de Outubro daquele ano que os fundadores da Recreativa vitoriana, hoje, ainda todos residentes em Santa Bárbara, se reuniram e consolidaram a fundação da Sociedade Recreativa Filarmónica Nossa Senhora das Vitórias. Por Acta da Assembleia de Fundadores [27.10.86], foram eles:

Armando Botelho de Sousa - Dionísio de Medeiros Galvão - Fernando da Silva Medeiros - Hermano Machado Teodoro Peixoto - João Caetano Pereira de Medeiros - José Amaral Machado - José António de Melo Barbosa - José de Medeiros Costa - José Pimentel de Medeiros - José Manuel Medeiros Raposo - José Medeiros Ferraz - Leonel da Silva Melo
Manuel de Sousa Medeiros - Messias da Costa Silva - Miguel Baptista de Sousa.

De Acta da Assembleia Geral, de 17 Novembro de 1986, como primeira Direcção da Sociedade aparecem: Presidente: José Manuel Medeiros Raposo - Vice-Presidente: Leonel da Silva Melo - Secretário: Miguel Baptista de Sousa - Tesoureiro: José Medeiros Ferraz.

A actual Direcção da Recreativa, eleita em Assembleia Geral, no dia 05 de Fevereiro de 2001, é composta pelos seguintes membros:



Filarmónica: núcleo inicial

Presidente: Fernando da Silva Medeiros - Vice-Presidente: Leonel da Silva Melo - Secretário: António Manuel Tavares Medeiros - Tesoureiro: Carlos Alberto Medeiros Cymbron.

Digressões

As Ilhas dos Açores são o primeiro palco de viagens para a Filarmónica de Nossa Senhora das Vitórias. Nas suas andanças por terras alheias ela tem levado o nome da Ribeira Grande. Esse é um dos seus orgulhos. Aliás, ela

considera-se um estandarte do concelho ribeiragrãndense. Com as suas digressões a Sociedade pretende um misto de convívio e de intercâmbio musical e de culturas. A sua primeira digressão foi para Ilha de Santa Maria para participar nas Festas do 15 de Agosto, o magno dia da Assunção: aconteceu no ano de 1990. Em 1991, esteve na Semana do Mar, na Ilha de Faial. No ano seguinte, também no Verão, foi ao Topo, Ilha de São Jorge, dar o seu contributo nos festejos da Senhora do Rosário. Participa, novamente, no 15 de Agosto em Santa Maria para o ano de 1993. Em 1996, em pleno estio, realiza um sonho: deslocou-se a Toronto, Canadá, para integrar as Comemorações do Senhor da Pedra, do Santíssimo Salvador do Mundo e de Nossa Senhora dos Anjos. [Na área de Toronto a comunidade emigrante oriunda de Santa Bárbara é numerosa]. Foi uma viagem inesquecível, dizem. No ano de 1998, sempre em época de veraneio, é a vez da Ilha Terceira: tratou-se da participação nas solenidades da Senhora da Pena na freguesia das Fontinhas. No ano que se segue, a convite, participa nas Festividades do Divino Espírito Santo, em Fall River, Estados Unidos da América. O passo seguinte foi o Continente. Em 2001, depois de ter sido visitada, em 2000, pela Banda Filarmónica do Arrabal, freguesia do Concelho de Leiria, a Filarmónica vitoriana integrou as suas celebrações estivais em honra de Santa Margarida. Em Agosto de 2002, para honrar as de Nossa Senhora das Vitórias recebeu a Filarmónica do Senhor dos Aflitos, de Soutocico, lugar daquela freguesia. A digressão próxima será a sua deslocação, uma vez mais, ao Concelho de Leiria, Soutocico, e à cidade de Tavira, Algarve. Prevê-se que seja na época estival de 2003.

Presidente da Direcção: Fernando da Silva Medeiros

É um dos históricos da Sociedade Recreativa Filarmónica de Nossa Senhora das Victórias. Gosta de se envolver em projectos que animem a sua freguesia. Interrogado sobre a vida da Filarmónica no presente, Fernando da Silva Medeiros afirma: 'Temos vindo a cumprir o nosso



Folia em ambiente de digressão

Junta de Freguesia de Santa Bárbara

Não somos o elo mais fraco,
queremos a nossa escola, queremos a nossa Mediana

Nossa Senhora das Vitórias



Fernando Medeiros



Leonel Melo



António Medeiros



Carlos Cymbron



Leonardo Cymbron



António Ferreira

calendário para Festas entre Abril e Outubro desde ano; ou seja, as do Espírito Santo e as dos Padroeiros. A nossa escola de música está a funcionar em pleno. Dentro em breve, vamos dar início à preparação das deslocações que iremos fazer para o continente, no ano que vem. Porém, nem tudo é um mar de rosas. A vida de uma Banda também passa por algumas dificuldades. A última farda adquirida ainda está por liquidar na totalidade. Estamos a aguardar que emigrantes da nossa freguesia, que vivem em East Providence, nos Estados Unidos da América, e que são muitos, organizem um jantar para angariação de fundos para o seu pagamento. O 11 de Setembro atrasou um pouco a situação. Lembro-me de já ter havido uma forte crise, aí a alguns anos atrás, mas não podemos dizer que a nossa Sociedade

seguida, faço o aprofundamento em termos de *letra* e dos *instrumentos*'. Para o Regente Cymbron, as bandas terão de apostar sempre em escolas. 'O segredo reside aí', adianta. Actualmente, a Filarmónica vitoriana é composta por quarenta elementos, de ambos os sexos, divididos em: clarinetes, trompetes, trompas, tubas, trombones, tenores, saxofones altos, lira, barítono, entre outros. A sua Banda ideal seria aquela onde os músicos se mostrassem sempre prontos e cheios de motivação. Para o Regente a 'quantidade não diz nada'. Já em termos de condições de trabalho, segundo opinião sua, se a Filarmónica pudesse, entretanto, usufruir do rés-do-chão da sua actual Sede poderia vir a reunir melhores condições de ensaio, passando a actual sala, onde se prepara a Banda, unicamente, para sala de Direcção.

Governo Regional, fora um dos convidados a assistir à actuação, diz António Sousa. Nem farda tinham. Mas vontade é que não faltava. Tocaram os Hinos da Região Autónoma dos Açores e o Nacional. Nos muitos anos de casa, por tantas experiências passadas, se, no presente, fosse Presidente da sua Direcção apostava forte em três novidades: pensar numa nova Sede Social, na renovação do instrumental da Banda e estimular ainda mais os jovens, no seio da Banda e cativar outros. Um músico para durar.

Sons da vitoriana

O seu repertório é vasto e executado com esmero. Oscila entre a música clássica, ligeira e popular. As noites de Santa Bárbara, mesmo que em ensaio, são animadas com sons da vitoriana que percorrem as ruas próximas da sua Sede Social, dando-lhes ritmo. Os Impérios do Espírito Santo, o da *Lomba de Baixo* [Pentecostes] e o da *Lomba de Cima* [Trindade], como ainda são conhecidos, são animados com as suas pequenas orquestras. A vitoriana tem história nas Alvoradas em dia de São Pedro, 29 de Junho, feriado Municipal, dia das *Cavalladas*. As Padroeiras da freguesia [Santa Bárbara e Senhora das Vitórias] são seguidas com a solenidade que assim exigem. Na *Música das Canas*, simulação camavalesca de uma procissão religiosa e banda filarmónica, quando sai à rua, em terça-feira da Festa da Senhora das Vitórias, por lá também se poderá ver algum músico amigo das folias de sã e alegre camaradagem. Os seus concertos já fizeram dançar e até mesmo chorar plateias. Aconteceu no Arrabal, no Verão de 2001, lembra um dos seus executantes. Um pouco atrás, em 1998, fez um concerto no *Teatro Micaelense*, em Ponta Delgada, integrado no '1.º Concurso de Filarmónica 98', onde ganhou o 1.º Lugar, Categoria B, executando uma peça obrigatória e outra a seu gosto. Momento de memória para a história da Filarmónica vitoriana. Dos sons da vitoriana outros excelentes momentos continuarão a vir. Que a Senhora das Vitórias lhe continue a dar inspiração!



Convívio de alunos da Escola de Música, anos 90

Recreativa alguma vez tenha passado por situações muito desagradáveis. Para todos aqueles que por aqui passam e mesmo aquelas Filarmónicas que recebemos de vez em quando, cuja última foi, este ano, aquando da Festa de Nossa Senhora das Vitórias, a de Soutocico, de Leiria, poderão falar dos nossos cuidados e preocupações. Apesar dos apoios que nos vão oferecendo, de salientar os da Câmara Municipal de Ribeira Grande, serem sempre poucos, esta Filarmónica nunca deixou ninguém ficar mal. Só espero que as entidades oficiais continuem a olhar para as nossas actividades'.

Leonardo Medeiros Cymbron: Regente

Iniciou a sua vida musical na *Banda Filarmónica Lira do Rosário*, da Vila da Lagoa, tocando trombone. É funcionário da Fábrica do Alcool daquela vila, em virtude de, após convite, ter sido membro da sua Charanga. Estávamos no ano de 1959. Em 1960, como tropa, também integrou uma Charanga, mas desta feita de âmbito militar. Posteriormente, foi organista na igreja paroquial de Santa Bárbara, Ribeira Grande, e animador musical nas peças de teatro desta freguesia. Com o Leonel da Silva Melo, um natural de Santa Bárbara, empresário, ex-Presidente da sua Junta de Freguesia, tiveram a ideia de criar a *Banda Filarmónica de Nossa Senhora das Vitórias*. Diz que o Leonel da Silva Melo 'está de parabéns' com os resultados que estão à vista. Leonardo Cymbron é o Regente da Filarmónica desde a sua fundação. Pelas suas escolas de música já passaram inúmeros participantes. Da primeira escola só restam dois. Salienta que nunca houve escola que tivesse alunos de fora da freguesia. A prata da casa tem sido deveras importante para a sobrevivência da Banda. Como professor de música guarda boas e más memórias: 'as boas estão nos miúdos empenhados e as más nos miúdos que mostram pouco interesse'. Por outro lado, as suas queixas são dirigidas, essencialmente, para os músicos faltosos, já que as coisas não se fazem do pé para a mão, mas sim com trabalho contínuo. Uma escola tem, em média, a duração de 4/5 meses. 'O meu filho Carlos [diz Leonardo Cymbron] dá a introdução. Em

Carlos Alberto Medeiros Cymbron Repensar a Academia de Música

Com apenas nove anos começou a solfejar. Deve-o a seu pai, Leonardo Cymbron. Aos doze integrou a Filarmónica *Lira do Rosário*, Vila da Lagoa. Foi corista no Coral de Santa Bárbara e membro do grupo de música ligeira *Apolo*, do José de Almeida, da Ribeira Seca. Esteve vários anos no Grupo de Folclore da Casa do Povo de Ribeira Grande. Foi músico militar entre 1985 e 89. Em 1988, na Ilha Terceira, tirou o curso de Regente para Filarmónicas. Ligado à *Banda Filarmónica de Nossa Senhora das Vitórias*, desde 1986, tem vindo, em conjunto com seu pai, a assegurar as escolas de música no seio da Recreativa vitoriana. Recentemente, ajudou a fundar uma Federação de Bandas Filarmónicas das Ilhas de São Miguel e de Santa Maria. Ficará sediada em Ponta Delgada. O objectivo máximo será a viabilização de apoios, mormente a nível europeu. É Secretário do seu Conselho Fiscal.

Carlos Cymbron revela-se bastante crítico, sem deixar de apontar soluções, quanto ao actual panorama, saliente-se que muito triste, das Filarmónicas na Cidade de Ribeira Grande. Refere que a *Nossa Senhora das Vitórias* tem vindo a mostrar-se estável devido à persistência dos Directores e das escolas de música que têm legado formadas de músicos à Banda. Em seu ver, 'A Academia de Música de Ribeira Grande deveria fazer muito mais pelas Bandas Filarmónicas da Cidade e do Concelho. Tem vindo a formar músicos, mas a partir de uma determinada altura os alunos parece que se perdem. Existem jovens com boa formação que estão inactivos. Pergunto: excepto os irmãos Vieira, onde estão os miúdos da nossa Academia? Se as Bandas do *Progresso*, vulgo do *Gatos* [Conceição], e do *Triunfo*, vulgo do *Cães* [Matriz], trabalharem junto da Academia, quem sabe de bons resultados dentro de alguns anos? Tudo vai depender da relação que vierem a manter com ela, caso contrário terão de se organizar com as suas próprias escolas. Como se pode ver a *Banda de Nossa Senhora das Vitórias* tem assegurado a sua continuidade devido à existência de escolas e desde a sua fundação'.

António Ferreira de Sousa Inovar a Recreativa

É um dos dois sobreviventes da primeira Banda, ainda formada antes da fundação da *Sociedade Recreativa Filarmónica Nossa Senhora das Vitórias*. O outro é o Ricardo Cymbron, filho do Regente, Leonardo Cymbron. Começou como músico de barítono, hoje, toca trombone de varas. Lembra-se das primeiras actuações da Banda fora da freguesia, onde o nervosismo imperava. Foi o caso de uma actuação, segundo se lembra, defronte do Museu de Ribeira Grande, num 29 de Junho, feriado Municipal, logo no raiar da fundação da Banda. O Dr. João Bosco Mota Amaral, à altura, Presidente do

Hermano Teodoro



Banda Filarmónica: 2002

MINI MERCADO

CERVEJARIA - FURTADO
 DE:
Jacinto Galvão Furtado
 Rua da Igreja, 20 - Santa Bárbara - Telef.: 296 47 31 57
RIBEIRA GRANDE

PADARIA TAVARES LDA.
Rua Artur Hintze Ribeiro, 95
Conceição
9600-519 Ribeira Grande

Mário Cabral
Construtor Civil

> Com serviço de lixadeira para parquet e soalhos
 > Aluguer de extensões

Tel.: 296 491 443
Tlm.: 916134507
Rabo de Peixe

Gaspar Frutuoso Foot-ball Club ou Os Gasparinhos?



Fotocópia de fotografura de "Os Gasparinhos"

Jogava-se futebol na Ribeira Grande há quase um quarto de século, quando a 15 de Fevereiro do ano de 1923, o *Correio dos Açores* divulgava o nome de dois grupos ribeiragrandenses: *Gaspar Frutuoso Foot-ball Club* e *Açor Foot-ball Club*. Serão, porventura, além dos *amarelos* e *verdes* mencionados nos primeiros jogos de finais do século XIX, os primeiros grupos com nomes semelhantes aos actuais. Corresponderá o primeiro aos *Gasparinhos*? Este nome é veiculado pela tradição oral local e referido em uma reportagem sem data nem proveniência enviada de Brampton, Canada, pelo Sr. Luís Cabral, antigo membro da Juventude Católica e um dos muitos autores do Presépio Movimentado, na realidade uma fotocópia truncada de fotografura e texto.¹ Terá o primeiro algo a ver com o Colégio do mesmo nome, cujo Director e proprietário foi Ezequiel Moreira da Silva, ou com o Padre Evaristo Carreiro Gouveia? Será o *Gaspar Frutuoso Foot-ball Club* anterior ao *Açor Foot-ball Club*? Ventura Rodrigues Pereira, no seu livro a *Ribeira Grande*, afirma ter sido o Prior Evaristo o introdutor do futebol na

Ribeira Grande. Se se refere ao fundador da primeira equipa, equipa com nome semelhante aos grupos actuais, talvez, se se referir à pessoa que terá introduzido o futebol na Ribeira Grande, seguramente que não, pois, como vimos no primeiro trabalho publicado em Junho, em 1899 já se jogava futebol. Porém, um cronista local em 1923 dizia que: 'Foi o *Açor* o primeiro *club* de *foot-ball* fundado nesta vila (...).'² Assim sendo, o *Açor* seria anterior ao *Gaspar Frutuoso*. Ainda assim, as fontes conhecidas não nos esclarecem completamente as dúvidas.

Pelo facto de o *Gaspar Frutuoso* nos surgir associado à estreia do *Açor*, sem que se refira que o *Gaspar Frutuoso* se estreava, haverá uma leve possibilidade deste grupo ser anterior ao *Açor Foot-ball Club*. Mas, com os dados que dispomos, não podemos adiantar a data exacta da sua fundação.

O grupo denominado *Gaspar Frutuoso Foot-ball Club*, cuja única referência conhecida aparece associada à estreia do *Açor*, poderá corresponder ao grupo conhecido pelos *Gasparinhos*? Não sabemos. Em todo o caso, seja o mesmo

ou outro, Os *Gasparinhos*, terão, pelo que nos informa a legenda da citada fotocópia, surgido na década de vinte.

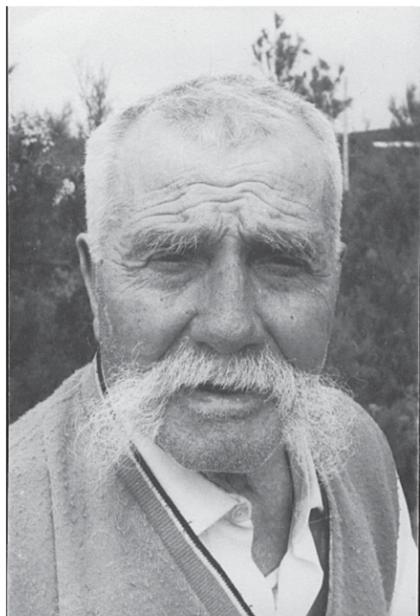
Aí ficamos a saber, dado o interesse transcrevemos a legenda, que: 'a fotografura que incluímos nesta reportagem do grupo dos 'Gasparinhos' da Ribeira Grande, constitui hoje documento impressionante por ser muito rara e por ter sido aquele clube fundado pelo Dr. Oliveira San-Bento, juntamente com o Prior da Matriz da Ribeira Grande, Padre Evaristo Carreiro Gouveia. Na referida foto, em cima encontram-se os três membros da Direcção: Virgílio Botelho (tesoureiro) falecido, Dr. Oliveira San-Bento (presidente) e Padre Evaristo Carreiro Gouveia (secretário), falecido. A equipa era formada (isto na década de 20) pelos seguintes elementos (da esquerda para a direita): Moisés de Sousa Carvalho, Carlos Miranda (actualmente na América), Laurindo da Costa Grilo (capitão do 'onze'), Evaristo Botelho, Jaime Garrido (ausente no Canada), José Carvalho (falecido), Artur Medeiros Brazídio, Luís Raposo (na América, fundador e director do programa radiofónico 'A Voz dos

Açores'), Gaudino Machado, Jaime Simão (falecido), e António Gouveia. O equipamento dos 'Gasparinhos' foi feito pela Sr.^a Mariana da Silva Medeiros, então noiva de um dos componentes do grupo, isto é, Artur Brazídio.' A fazer fé na fotocópia, os equipamentos seriam claros, ostentando as camisolas a cruz de Cristo. Destes nomes, destacamos o Dr. Oliveira San-Bento, que pouco depois estaria associado aos estatutos do *Açor* e à fundação da Associação de Futebol de S. Miguel, sendo, em anos distintos, Presidente da Direcção e da Assembleia Geral daquele organismo, e os jogadores Moisés e Jaime, que alinhariam em outras equipas da Ribeira Grande.

¹ Enviada pelo Sr. Luís Cabral, antigo membro da Juventude Católica, residente na Cidade canadiana de Brampton.

² *A Terra*, de 29 de Dezembro, 1923.

Mário Moura



António Gouveia: Ti António Gajo



Dr. José de Oliveira San-bento



Virgílio Botelho



Prior Evaristo Carreiro Gouveia

Nova Gerência

Cantinho da Fonte

Ribeira Seca - Ribeira Grande
Aberto todos os dias

2ª a 6ª - das 20H00 às 02H
Sáb. e Dom. - das 20H00 às 04h00

Restaurante Farias

Especialidades

Domingo de madrugada:
Sopa de Carne

Todos os dias:
Polvo guizado
Costeletas assadas
Feijão Guizado



Rua do Estrela - Conceição